



**ISPA**

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ENTRE  
PARCEIROS ÍNTIMOS HOMOSSEXUAIS**

JÉSSICA NATHÁLIA DE SOUZA CZUBA

**Orientador de Dissertação:**

PROF. DOUTOR FRANCISCO PEIXOTO

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

PROF. DOUTOR FRANCISCO PEIXOTO

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:**

**MESTRE EM PSICOCRIMINOLOGIA**

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutor Francisco Peixoto, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicocriminologia.

## Agradecimentos

Ao meu Ser de Luz.

Ao Prof. Doutor Francisco Peixoto, pela orientação, disponibilidade, apoio, pelo saber transmitido, pela colaboração, pela simpatia.

Aos participantes, pela cooperação sem a qual esta investigação não teria sido possível.

Às minhas companheiras,

Aurélie, pela amizade sincera.

Margarida P., pela amizade, por todos os momentos.

Emanuelle, pelo crescimento, por ter acreditado sempre.

Margarida B., pelas incontáveis horas “terapêuticas”.

Irina, pelo incentivo e apoio.

Por tudo com o que contribuíram.

À Carmo, pelo amparo ao longo de vários anos.

À minha mãe Gracinéa, ao meu pai Antônio, à minha irmã Bruna, pelo amor incondicional, pela inestimável paciência, pelos ensinamentos. Por me terem orientado ao caminho da evolução.

À minha família, a quem dedico este trabalho.

*"A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca."*

Carlos Drummond de Andrade

## Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar as relações entre o ajustamento diádico, a intensidade do amor apaixonado, a prevalência de comportamentos violentos e as crenças legitimadoras de violência nas relações de parceiros íntimos homossexuais. Participaram no estudo 131 indivíduos, homens e mulheres, com orientação sexual homossexual ou bissexual, com idade igual ou superior a 18 anos. Para coletar os dados foi utilizado um questionário sociodemográfico, a Escala Revista de Ajustamento Diádico (Spanier, 1976; adaptado por Costa, Pereira & Leal, 2011), a Escala de Amor Apaixonado (Hatfield & Sprecher, 1986; adaptado por Feybesse, Neto & Hatfield, 2011), a Escala de Crenças sobre Violência Conjugal adaptada (Machado, Matos & Gonçalves, 2006) e o Inventário de Violência Conjugal (Machado, Matos & Gonçalves, 2006).

A análise de dados evidenciou um elevado índice de consenso e de coesão referente ao ajustamento diádico nos homens e nas mulheres; indicou, apesar dos valores mais altos para os homens, baixos níveis de legitimação de violência; mostrou baixo índice de prevalência de comportamentos violentos em ambos os sexos; e a inexistência de diferenças do grau de amor apaixonado entre os participantes do sexo masculino e do sexo feminino.

A análise de correlação mostrou associação negativa entre a prevalência de violência e a satisfação, associação positiva entre as crenças legitimadoras de violência e o índice de comportamentos violentos, e a inexistência de associação do amor apaixonado com a prevalência de violência e com a satisfação nos relacionamentos de intimidade.

**Palavras-chave:** violência doméstica homossexual, crenças legitimadoras da violência satisfação, amor apaixonado

## Abstract

The study presented aims to analyse the relationship between dyadic adjustment, the intensity of passionate love, the prevalence of violent behavior and violence legitimizing beliefs in relationships between homosexual intimate partners. 131 individuals participated in the study, men and women, with homosexual or bisexual orientation, aged 18 years old or older. To collect the data we used a sociodemographic questionnaire, the Reviewed Scale of Dyadic Adjustment (Spanier, 1976; adapted by Costa Pereira & Leal, 2011), the Passionate Love Scale (Hatfield & Sprecher, 1986; adapted by Feybesse, Neto & Hatfield, 2011), the Adapted Scale of Marital Violence Beliefs (Machado, Matos & Gonçalves, 2006) and the Inventory of Marital Violence (Machado, Matos & Gonçalves, 2006).

Data analysis showed a high consensus rate and cohesion related to dyadic adjustment in men and women; indicated, despite higher values for men, low levels of violence legitimization; showed a low rate of prevalence for violent behavior in both sexes; and the lack of differences in the degree of passionate love between the male and female participants.

The correlation analysis showed a negative association between the prevalence of violence and satisfaction, positive association between the violence legitimizing beliefs and violent behavior index, and a lack of association between lack of passionate love, the prevalence of violence and the satisfaction in relationships of intimacy.

**Key words:** homossexual domestic violence, violence legitimizing beliefs, satisfaction, passionate love.

## Índice

Introdução .....	12
Teoria da vinculação .....	14
Vinculação na idade adulta .....	17
Relacionamentos íntimos .....	19
Amor apaixonado .....	20
Ajustamento diádico .....	22
Satisfação nas relações íntimas .....	23
A violência .....	26
Violência Doméstica .....	27
Distorções cognitivas e crenças legitimadoras da violência .....	29
O Ciclo de Violência.....	31
A violência nas relações íntimas .....	32
Violência entre parceiros íntimos homossexuais .....	32
Papéis de gênero.....	35
Investigação na violência doméstica em parceiros íntimos homossexuais .....	37
Objetivos e Hipóteses .....	39
Método .....	40
Participantes .....	40
Medidas .....	41
Questionário sociodemográfico .....	41
Escala Revista de Ajustamento Diádico .....	42
Escala de Amor Apaixonado .....	42
Escala de Crenças sobre Violência Conjugal.....	43
Inventário de Violência Conjugal.....	44
Procedimento .....	45
Análise de dados .....	45

Resultados .....	46
Análise Fatorial .....	46
Análise das diferenças das variáveis em função do sexo do casal.....	46
Análise de relações entre as variáveis em estudo .....	49
Análise de regressão linear .....	55
Discussão .....	57
Conclusão .....	61
Referências .....	64
Anexos .....	77

## Índice de Anexos

**Anexo A** – Análise descritiva do sexo

**Anexo B** – Análise descritiva da idade

**Anexo C** – Análise descritiva da orientação sexual

**Anexo D** – Análise descritiva do comprometimento numa relação íntima

**Anexo E** – Análise descritiva do estado civil

**Anexo F** – Análise descritiva da duração da relação

**Anexo G** – Análise descritiva das separações/reconciliações das relações românticas

**Anexo H** – Análise descritiva das habilitações literárias

**Anexo I** – Análise descritiva da área de residência

**Anexo J** – Médias e Desvios-padrão do ajustamento diádico

**Anexo K** – Médias e Desvios-padrão do índice de amor apaixonado

**Anexo L** – Médias e Desvios-padrão das crenças sobre violência conjugal

**Anexo M** – Médias e Desvios-padrão do índice de violência conjugal

**Anexo N** – Correlações de *Pearson*

**Anexo O** – Regressão linear das dimensões do ajustamento diádico, das crenças legitimadoras de violência sobre a prevalência de comportamentos violentos

**Anexo P** – Regressão linear das crenças legitimadoras da violência, da prevalência de comportamentos violentos sobre as dimensões do ajustamento diádico

**Anexo Q** – Análise fatorial da Escala de Crenças sobre Violência Conjugal

**Anexo R** – Escala Revista de Ajustamento Diádico

**Anexo S** – Escala de Amor Apaixonado

**Anexo T** – Escala de Crenças sobre Violência Conjugal adaptada

**Anexo U** – Inventário de Violência Conjugal

## **Lista de Tabelas**

**Tabela 1** - Médias e Desvios-padrão para as dimensões do ajustamento diádico em função do sexo dos participantes

**Tabela 2** - Médias e Desvios-padrão do amor apaixonado em função do sexo dos participantes

**Tabela 3** - Médias e Desvios-padrão para as crenças sobre violência conjugal em função do sexo dos participantes

**Tabela 4** - Médias e Desvios-padrão para violência conjugal em função do sexo dos participantes

**Tabela 5** - Correlações das dimensões do ajustamento diádico com o amor apaixonado, os índices de violência conjugal e as crenças sobre violência conjugal

**Tabela 6** - Correlações do amor apaixonado com as dimensões do ajustamento diádico, a violência conjugal e as crenças sobre violência conjugal

**Tabela 7** - Correlações das dimensões das crenças sobre violência conjugal com as dimensões do ajustamento diádico, com o amor apaixonado e dimensões da violência conjugal

**Tabela 8** - Correlações das dimensões da violência conjugal com as dimensões do ajustamento diádico, amor apaixonado e dimensões das crenças sobre violência conjugal

**Tabela 9** - Correlações das dimensões da violência conjugal com as dimensões do ajustamento diádico, amor apaixonado e dimensões das crenças sobre violência conjugal

**Tabela 10** - Coeficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das dimensões do ajustamento diádico, das crenças legitimadoras de violência sobre a prevalência de comportamentos violentos

**Tabela 11** - Coeficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das crenças legitimadoras da violência, da prevalência de comportamentos violentos sobre as dimensões do ajustamento diádico

## Introdução

De acordo com o Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência 2014 da Organização Mundial da Saúde (OMS) foi registado um número superior a 1,3 milhão de mortes como consequência da violência em todas as suas formas de perpretação, ou seja, auto direcionada, interpessoal e coletiva, em todo o mundo. É de salientar o elevado número de pessoas que são diariamente sujeitas a vários tipos de violência que não se revela mortal (OMS, 2014). A violência é um dos principais contributos para o incremento das consequências sociais e de saúde. A Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) encontra nos seus registos, pelas Forças de Segurança, 27317 participações de violência doméstica referentes ao ano de 2014, em Portugal (CIG, 2015).

A temática violência conjugal tem vindo a ganhar cada vez mais espaço nas investigações de diferentes áreas como a Psicologia, Sociologia e Criminologia. Anteriormente, esta problemática era considerada assunto privado, enquanto atualmente é reconhecida como responsabilidade pública devido aos contributos e impacto dos estudos que a investigam, da exposição nos media e da facilidade de apresentação de queixa que cooperam em favor da sua visibilidade (Machado, Matos & Gonçalves, 2006). Deste modo, foram criadas várias tipologias de violência de forma a identificar os padrões de violência, os fatores de risco e as consequências desta realidade nos relacionamentos amorosos (Anderson, 2014). Assim, a violência conjugal, dimensão da violência doméstica, abrange todas as formas da conduta violenta perpetradas por um dos (ex)cônjuges ou (ex)companheiros(as). Porém, mais inclusivo é o termo *violência nas relações de intimidade* (VRI) que alarga quer o conceito de violência doméstica, quer o de violência conjugal, pois passa a considerar os outros tipos de relações (i.e., violência entre casais homossexuais, violência entre namorados) que não a violência na conjugalidade *strictus sense* (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009).

De acordo com o Relatório Anual 2014 (APAV, 2015) foram registados 17.786 crimes de violência doméstica. A prevalência de violência não apresenta valores díspares quando são realizadas comparações entre os relacionamentos íntimos homossexuais e heterossexuais (APAV, 2010). Todavia, as intervenções institucionais e políticas evidenciam uma visão heteronormativa que conduz à invisibilidade do tratamento da violência entre os parceiros da díade homossexual (Santos, 2012). Para além do referido, aditam-se as dificuldades relativas ao preconceito internalizado da pessoa vitimada que faz desencadear outras problemáticas como o isolamento, a depressão, a ansiedade, a auto culpabilização e outros, que refletem a

baixa procura de apoios externos (e.g., Forças de Segurança) (Redondo, Pimentel & Correia, 2012).

A integração da informação, que sucede a diversas interconexões associativas das informações recebidas, vão-se tornando estáveis e consistentes devido ao acumulo das novas informações com as antigas que lhes dão sentido. Neste seguimento, é formada uma rede de crenças que funcionam como modelo mental que viabiliza a compreensão individual, do outro e de outras representações sociais, e que opera como guia nas interações sociais (Fiske & Taylor, 1991). Pela integração dos acontecimentos vividos e pela existência de pensamentos automáticos não suscetíveis de crítica, os indivíduos valorizam as crenças dos constructos estáveis e rejeitam as crenças não suportadas por estes. Neste sentido, as crenças apresentam-se como fator marcante para a perpetuação e legitimação da violência nas relações de intimidade (Soares & Cláudio, 2010). Do mesmo modo, a vinculação nos adultos, especificamente o padrão de vinculação de cada sujeito pode prenunciar a satisfação nas relações amorosas (Alves, 2013), e a perpetração e vitimação nas relações abusivas (Barbosa, 2014).

A presente investigação tem como objetivo primeiro analisar a relação entre o ajustamento diádico e a intensidade do amor apaixonado, a prevalência de comportamentos violentos e as crenças legitimadoras de violência nas relações amorosas entre casais do mesmo sexo. O estudo está dividido em três capítulos, sendo o primeiro referente ao Enquadramento Teórico, onde é abordada a vinculação, nomeadamente os estilos de vinculação no adulto e a sua relação com a violência entre a díade íntima; a contextualização dos relacionamentos amorosos, versando o ajustamento diádico e a satisfação nos relacionamentos; e a violência nas relações de intimidade, especificamente a violência doméstica. Em segundo lugar apresenta-se o Método, onde são caracterizados os participantes, os instrumentos utilizados e o procedimento do estudo. O terceiro capítulo refere-se aos Resultados, onde são apresentados os resultados obtidos na presente investigação. Na discussão dos resultados, são discutidas as implicações dos mesmos com associação à revisão de literatura respeitando a fundamentação teórica. Por último, a conclusão, onde são apresentadas as conclusões do estudo, bem como, as suas limitações e propostas para futuras investigações.

## Teoria da vinculação

A teoria da vinculação encontrou os seus princípios básicos no estudo desenvolvido por John Bowlby (1958) e Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978). O conceito de vinculação foi introduzido por Bowlby (1958) tendo em vista a compreensão dos vínculos afetivos edificados entre pais e filhos. A vinculação, amplamente, refere-se à propensão para estabelecimento de vínculos entre seres humanos (Ribeiro, 2015). Pela vinculação pretende-se explicar as várias formas de consternação emocional e perturbação da personalidade com origem na separação e perda involuntárias (Bowlby, 1990). De acordo com Bowlby (1983) os vínculos precoces, quer seja a manutenção de contato, quer seja a proximidade do bebé com o cuidador principal, usualmente a mãe, são essenciais para a sobrevivência do recém-nascido (Ainsworth, 1979 cit. por Anjos, 2010; Bowlby, 1969/1982 cit. por Anjos, 2010; Cardoso & Veríssimo, 2013). Assim, Bowlby (1958) teve como objetivo principal a análise do processo de construção de laços afetivos entre o bebé e a mãe e o impacto resultante da quebra destes laços no desenvolvimento da personalidade da criança (Anjos, 2010). Afastando-se das conceções psicanalíticas que defendiam primordialmente a satisfação das necessidades alimentares para o bem-estar psicológico das crianças, e recorrendo à Etologia, Bowlby (1983) evidenciou, através dos resultados de vários estudos, que ainda que fossem satisfeitas as necessidades de alimentação, crianças que se encontravam em situação de privação materna apresentavam sinais de perturbação psicológica (Soares, 2007; Vieira, 2008). Bowlby (1983; 1990), com base no conceito de Ambiente Evolutivo Adaptativo e contextualizado na evolução humana, desenvolveu um modelo teórico para assimilar as diferenças individuais nas interações bebé-cuidadores. Deste modo, crianças que evidenciassem dificuldades em recordar e garantir contato com suas mães encontravam-se em risco superior de morte precoce. Por seu turno, as crianças capazes de atrair, chamar e sustentar a atenção das suas mães apresentavam probabilidade superior de sobrevivência.

Desta forma, a teoria da vinculação enfatiza a natureza da relação de vinculação, isto é, os laços modelados nas interações entre o bebé e o cuidador primário que edificam a história interpessoal (Bowlby, 1979). Ainda, Bowlby (1983) propôs que a qualidade de vinculação estabelecida com os pais incide sobre a qualidade de interação nas relações com os pares. As interações entre a criança e a figura de vinculação compõem os comportamentos de vinculação que, por sua vez, podem ser determinados em função da procura de proximidade, procura de uma base segura e protesto com a separação (Bowlby, 1983; Ahnert, 2003 cit. por Anjos, 2010) e são ordenados com base no sistema de controlo interno, ou seja, o sistema de

vinculação (Anjos, 2010). Este sistema motivacional viabiliza a relação de vinculação através de funções específicas de processamento de informação, pelo qual ocorre a avaliação e integração da informação sobre o outro, do estado interno relevantes para a atividade relacional e das condições ambientais que facultam o estabelecimento e manutenção da proximidade física e o sentimento de segurança com os cuidadores (Thompson & Raikes, 2003). Com base nas relações estabelecidas com as figuras de vinculação e através da elaboração da informação ambiental através de modelos dinâmicos internos, as crianças formulam as representações sobre si, sobre as figuras de vinculação e sobre o mundo (Bowlby, 1983; Canavarro, Dias & Lima, 2006). Isto é, as crenças e sentimentos desenvolvidos podem ser determinados pelo ambiente e responsividade prestados pelo cuidador (Hazan & Shaver, 1994). Os modelos internos dinâmicos referem-se às estruturas mentais que são construídas através das experiências de vinculação e da interpretação das mesmas, sendo efetuadas com o intuito de orientar tanto os comportamentos e sentimentos dos sujeitos, como a memória, atenção e linguagem associadas à vinculação (Main, Kaplan & Cassidy, 1985). Assim, a principal conclusão alcançada por Bowlby (1951 cit. por Bretherton, 1992) fundamentada em evidências empíricas foi: para que a criança cresça mentalmente saudável é necessário que esta experimente um relacionamento securizante, íntimo e contínuo com a sua mãe, ou figura de vinculação para além da mesma, permanente em que ambas encontrem satisfação e prazer.

Os contributos de Ainsworth e colaboradores (1978) conduziram a teoria da vinculação a novos rumos através de uma metodologia inovadora que para além de testar empiricamente pressupostos de Bowlby, contribuiu para a expansão da teoria de vinculação. A figura de vinculação surge como base segura, sobre a qual a criança se afasta e regressa estabelecendo contato breve e novamente se afasta para explorar objetos e /ou interagir com outros indivíduos (Ainsworth, 1967 cit. por Cardoso & Veríssimo, 2013). A autora formulou o conceito de sensibilidade materna sobre os sinais da criança e os papéis da criança-mãe no desenvolvimento da vinculação (Bretherton, 1992).

Ainsworth e colaboradores (1978) elaboraram o procedimento laboratorial *Situação Estranha* que permitiu analisar as diferenças individuais na organização comportamental da vinculação. A Situação Estranha, que contribuiu para o desenvolvimento da teoria da vinculação, teve como função a indução de níveis de *stress* na criança suficientes para ativar comportamentos de vinculação. São um conjunto estandardizado de episódios de separação e reunião pelo qual é possível identificar três grupos que evidenciam reações comportamentais diferentes da criança perante a figura de vinculação: seguro, evitante, ambivalente (Ainsworth

*et al.*, 1978). Note-se que o estilo de vinculação seguro relaciona-se com a proteção e conforto proporcionados pela figura de vinculação em períodos de *distress*, e que o estilo de vinculação inseguro, composto pelo padrão evitante e padrão ambivalente remete, respetivamente, para comportamentos de rejeição e de inconsistência por parte da figura de vinculação. O padrão de vinculação seguro qualifica-se por crianças que são capazes de explorar o mundo pela procura ativa de proteção e conforto ao serem confrontadas com situações de potenciais ameaças, em que a figura de vinculação apresenta-se disponível e capaz de satisfazer as necessidades da criança. As crianças com este padrão de vinculação tornam-se mais confiantes e seguras nas interações com o meio por confiarem na sensibilidade dos comportamentos da figura de vinculação. O padrão evitante caracteriza-se pelo evitamento de contato e da procura de proximidade por parte da criança com a figura de vinculação, uma vez que esta rejeita e manifesta insensibilidade face às necessidades da criança. Neste, as crianças adotam comportamentos de exploração do meio de modo a ignorar a presença da figura de vinculação e a necessidade dos cuidados desta (Ainsworth *et al.*, 1978). No padrão ambivalente, a criança apresenta dificuldades na regulação do afeto e comportamentos de dúvida perante a responsividade da figura de vinculação. Ocorre uma oscilação entre a procura de proximidade e resistência ao contato por parte da criança devido à manifestação de comportamentos insensíveis ou inconsistentes da figura de vinculação. Estas crianças tornam-se menos confiantes em si e adotam uma postura hipervigilante na presença da figura de vinculação que resulta no empobrecimento dos comportamentos de exploração do mundo (Vieira, 2008). Os três padrões de vinculação referidos representam estratégias organizadas pela criança que possibilitam a gestão de ansiedade originada pela separação e reunião (Ribeiro, 2015).

As reações comportamentais surgem associadas aos comportamentos da figura de vinculação no cotidiano e devem-se, especialmente, à acessibilidade e responsividade aos sinais e solicitações de proteção e conforto requeridos pela criança (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992). Isto é o que define, segundo a perceção da criança, o termo seguro ou inseguro. Assim, o conteúdo da relação de vinculação centra-se na regulação de segurança que é resultado da obtenção ou manutenção da proximidade da criança com a figura de vinculação que provê proteção, segurança e conforto à criança (Soares, 1996). A regulação de segurança para além da proximidade física requer a presença de uma dimensão emocional designada por *felt security* (Sroufe & Waters, 1977).

## Vinculação na idade adulta

A investigação da vinculação na idade adulta ganhou espaço na década de 80 com as investigações de Main, Kaplan e Cassidy (1985) e de Hazan e Shaver (1987). A teoria passou por uma reconceptualização no que respeita aos modelos internos dinâmicos e a avaliação sobre as relações estabelecidas. A vinculação passa a ser entendida a partir do domínio representacional, distanciando-se do domínio comportamental (Ribeiro, 2015). A vinculação na idade adulta caracteriza-se pelo envolvimento de sistemas múltiplos e complexos que regulam o comportamento, a emoção e as relações interpessoais do sujeito (Feeney, 2008 cit. por Feio, 2012). Os autores Berman e Spearling (1994 cit. por Ribeiro, 2015) que estudaram a vinculação na idade adulta, definiram-na como uma propensão estável do sujeito para manter a proximidade e o contato com uma ou mais figuras específicas que são percebidas como fontes de segurança física e/ou psicológica. Berman e Spearling (1994 cit. por Ribeiro, 2015) propõem a vinculação na idade adulta em três formas: vinculação como um *estado*, que surge aquando da indisponibilidade por parte da figura de vinculação; vinculação como um *traço*, que se traduz na tendência para a formação de tipos de relações de vinculação semelhantes; e a vinculação como um *processo interativo*, que surge na sequência de uma relação específica (Canavarro, Dias & Lima, 2006).

A transição da vinculação na infância para a idade adulta reflete a natureza e incide sobre a função de uma relação de vinculação, especificamente, sobre a reciprocidade das relações (Hazan & Zeifman, 1999). Isto é, apresentam-se novas e complexas funções que configuram o comportamento do adulto para a busca de prestação de cuidados, de intimidade, de exploração e comportamento sexual (George & Solomon, 1999). Mais precisamente, a procura de prestação de cuidados, refere-se à autorregulação emocional e cognitiva simultânea de cada sujeito, provedor e recetor, que visa a proteção e segurança da figura de vinculação (Hazan & Zeifman, 1999; Weiss, 1982). A vinculação na infância remete para complementaridade e hierarquização, enquanto na idade adulta, refere-se a um equilíbrio que ocorre, entre o procurador e o proporcionador de segurança e conforto, através da procura e prestação de cuidados, do qual espera-se que ocorra de forma contínua e flexível (Collins & Sroufe, 1990). Deste modo, a vinculação que anteriormente, na infância, se cingia à dimensão comportamental, na idade adulta centra-se em medidas representacionais, cognitivas, narrativas e auto percetivas (Hazan & Shaver, 1994). De acordo com Bowlby (1973) as competências para o desenvolvimento das relações românticas na adolescência e da idade adulta têm seu início na infância, e assim, as relações estabelecidas entre a criança e a figura

de vinculação podem ser compreendidas como prototípicas das relações de intimidade na vida adulta (Hatfield & Rapson, 1994; Waters, Kondo-Ikemura, Posada & Richters, 1991 cit. por Lima, Vieira & Soares, 2006).

Estudos no âmbito da teoria da vinculação associados a relações de intimidade abusivas mostraram que indivíduos adultos com padrão de vinculação seguro têm tendência para se relacionarem com companheiros com o mesmo padrão. Todavia, sujeitos com padrão de vinculação evitante tendem para um envolvimento romântico com parceiros com padrão de vinculação ambivalente como forma de motivarem as suas histórias de vinculação negativa, confirmando, conseqüentemente, as expectativas estabelecidas de acordo com os modelos internos dinâmicos (Kirkpatrick & Davis, 1994). Segundo os modelos dinâmicos internos, a possibilidade de organização das experiências decorrentes das representações do *self*, das figuras de vinculação e das próprias relações ocorrem no processo de relação entre a criança e as figuras de vinculação.

Hazan e Shaver (1987), num estudo sobre relações românticas, explicam que os jovens adultos e os adultos com padrão de vinculação segura apresentam mais facilidade para estabelecer e manter relações íntimas e poucas preocupações com o seu término. Estes revelam maior capacidade de aceitação do seu par amoroso e, geralmente descrevem os seus relacionamentos românticos como amistosos, saudáveis e duradouros. Os adultos com padrão de vinculação evitante experimentam desconforto nos seus relacionamentos amorosos e demonstram dificuldades no estabelecimento de confiança com o par amoroso. Usualmente caracterizam as suas relações amorosas como sendo distante e com pouca intensidade emocional. Por fim, os adultos com padrão de vinculação ambivalente adotam comportamentos de procura persistente de carinho e afeto do(a) parceiro(a) como forma de compensação da insuficiência do *self*. Porém, apresentam níveis elevados de preocupação relativo à empatia e reciprocidade amorosa. Em geral, descrevem as relações pela presença de comportamentos obsessivos e pela instabilidade emocional. Com base nos resultados do estudo de Hazan e Shaver (1987), evidenciou-se que o par amoroso passa a ocupar o lugar da figura de vinculação principal, seguindo-se a figura materna e paterna, quando as relações amorosas têm duração mínima de dois anos. Porém, a importância da vinculação com o(a) parceiro(a) íntimo pode modificar-se de acordo com o grau de satisfação das necessidades obtidas no núcleo familiar.

Em suma, a função primordial da vinculação é a proteção e segurança no momento em que o adulto carece e procura conforto e segurança numa figura capaz de responder às suas necessidades, viabilizando a sua reorganização psicológica (Zeifman & Hazan, 1999). No

entanto, a vinculação na idade adulta remete ainda para o sentimento de pertença necessário para a adaptação do adulto na faculdade de construção de objetivos, metas desenvolvimentais e o fortalecimento do sentido de competência entre os indivíduos da díade (Fraley & Shaver, 2000). Nesta sequência, importa que o estilo de vinculação afeta quer a própria satisfação, como a satisfação conjugal do(a) parceiro(a), pois os estilos de vinculação da díade estão frequentemente associados, sendo possível esta observação pela coesão do casal (Alves, 2013). Ainda, o entendimento primeiro sobre o estilo de vinculação versa a sua estabilidade tal como evidenciam os estudos longitudinais. Todavia, pesquisas sugerem que a aquisição de um estilo de vinculação centra-se num processo dinâmico, de interação e não de modo estático (Chisholm, 1996).

### **Relacionamentos íntimos**

As relações íntimas são consideradas essenciais na formação dos sujeitos, nomeadamente ao nível das suas relações sociais permitindo a exploração de emoções ao longo do ciclo vital (Andrade & Garcia, 2009). Neste sentido existem evidências de que o estabelecimento de laços afetivos com outros indivíduos é importante no desenvolvimento do bem-estar psicológico (Laurenceau, Barrett & Rovine, 2005). A maioria das pessoas estabelecem relações íntimas com outras, e a intimidade nas relações implica a partilha intelectual, física e emocional com outro indivíduo, em que são divulgadas informações que tornam o sujeito vulnerável. No entanto, quando as partilhas são feitas, espera-se que o outro recetor não use as informações contra quem partilhou.

Regan (2008) desenvolveu três modelos de desenvolvimento das relações amorosas:

- 1) Modelo de seleção do parceiro: surge relacionado com a evolução dos casais, que ao passar por etapas significativas ruma ao incremento do envolvimento e do compromisso. A passagem por cada etapa exige a resolução de uma tarefa para que seja possível avançar para a etapa seguinte. Adita-se que a busca por um(a) companheiro(a) tem por base a equidade de atitudes, valores e experiências sociais. Caso estas não sejam compatíveis e não seja verificada a igualdade relativa aos estágios de desenvolvimento, as escolhas do(a) parceiro(a) são continuamente reduzidas.
- 2) Modelos processuais: defende-se que as relações românticas ocorrem num desenvolvimento gradual sem a necessidade de passagem por diferentes estágios. Assume-se que o desenvolvimento do relacionamento deriva das mudanças na

intimidade, da autorrevelação e dos outros processos interpessoais que ocorrem entre os parceiros(as) de forma sutil.

- 3) Modelos preditores das relações conjugais: por estes objetiva-se a identificação de variáveis e de processos ocorrentes numa relação de namoro capazes de prever o sucesso ou insucesso da relação.

Percebe-se que os relacionamentos amorosos exercem grande influência sobre o cotidiano da maioria dos indivíduos ao ser considerado o tempo dedicado, as atividades compartilhadas e os papéis desempenhados por cada membro da díade na relação (Neto, 1992 cit. por Feybesse, Hatfield, & Neto, 2013). Nesta sequência, a busca pela vivência do amor justifica-se pela intensidade dos sentimentos experimentados e pela sua relevância nas relações sociais (Sternberg, 1997). Estudos realizados evidenciaram que sujeitos apaixonados vivem num mundo considerado melhor quando comparados com aos indivíduos que não estão apaixonados (Hendrick & Hendrick, 1986).

### **Amor apaixonado**

Os humanos, desde o nascimento estabelecem laços com outros indivíduos nutridos com o afeto que é essencial à existência. As relações englobam manifestações de procura de segurança emocional e proximidade física que constituem o pilar da vida. A escolha e o investimento nos relacionamentos refletem o desenvolvimento progressivo e as aprendizagens de cada sujeito. Deste modo, as diferentes relações estabelecidas ao longo da vida têm por base a vinculação que irá igualmente condicionar a profundidade e a duração da relação romântica (Brites, 2014).

A procura para determinar quando o sentimento amoroso surgiu tem sido efetivada por vários investigadores de diferentes áreas, tanto da antropologia, sociologia, psicologia como de outras. Investigadores que estudam o amor, maioritariamente, defendem que se trata de um fenómeno universal que pode ser encontrado em praticamente todas culturas (Feybesse, Hatfield & Neto, 2013). Na década de 70, a psicologia social foi a área científica perscrutora tendo-se debruçado sobre as relações interpessoais (Rubin, 1970), e desde então o amor tem sido objeto de estudo cada vez mais frequente na ciência. As definições de amor são várias e podem ser encontradas nos diferentes tipos de literatura, sejam elas clássicas ou científicas (Feybesse, Neto & Hatfield, 2011).

Segundo Sternberg (1996), todos os sujeitos têm uma história particular de amor construída com base nas experiências afetivas vivenciadas. A história de cada um seria

correspondente ao enredo de ideias sobre o que é o amor, sobre como deve surgir e desenvolver-se, e como os papéis de cada parceiro(a) devem ser desempenhados. Sobre a complementaridade de papéis, Sternberg (1996; Mayo, 2007) propôs a sua associação à busca de parceiros(as) capazes de desempenhar papéis que complementem os idealizados pelo par amoroso.

O amor apaixonado, atualmente aceito pela comunidade científica da psicologia social, é definido como:

Um estado intenso de desejo de união com o outro. Um todo complexo funcional incluindo a estimativa ou apreciações, sentimentos subjetivos, processos fisiológicos padronizados, tendência a ação e comportamentos instrumentais. O amor recíproco (união com o outro) está associado ao preenchimento e ao êxtase. O amor não correspondido (ou uma separação) está associado ao vazio, à ansiedade e ao desespero. (Hatfield & Sprecher, 2009, p. 162 cit. por Feybesse, Neto & Hatfield, 2011; Hatfield & Sprecher, 1986, p. 383)

O amor apaixonado, numa relação romântica, surge como uma emoção intensa em que é suposto existir carinho e espaço para a sexualidade. No desenvolvimento da relação o amor apaixonado vai sendo modificado aproximando-se de um amor mais terno chamado de amor companheiro. Neste tipo de amor há vinculação profunda e um cariz mais amigável. O amor apaixonado vai-se extinguindo com o tempo e o amor companheiro, por sua vez, vai-se tonando mais estável e duradouro (Hatfield, Pillemer, O'Brien & Le, 2008). O amor apaixonado remete para um estado emocional selvagem onde é presente uma confusão de sentimentos. Este é constituído por muita paixão, pouca intimidade e um nível ainda inferior de compromisso. Todavia, amar de forma apaixonada implica atração e/ou desejo sexual e exclusividade com o(a) parceiro(a), e trata-se da manifestação mais intensa de amor nos relacionamentos amorosos (Feybesse, Hatfield & Neto, 2013). Acerca da duração do amor apaixonado existem controvérsias entre as diversas teorias apresentadas. Marazzatti, Akiskal, Rossi e Cassano (1999) defendem que a sua duração máxima é de 18 meses ao ser considerada a intensa reação fisiológica. Segundo Fisher (2004), o amor apaixonado pode apresentar, em média, duração de 4 anos, dado que o seu objetivo é garantir a sobrevivência da vinculação com o par amoroso perante os problemas com os quais os casais podem se deparar.

Aron e Henkemever (1995), num estudo sobre a satisfação marital e o amor apaixonado, aplicaram questionários para medir a satisfação conjugal, o amor apaixonado, o interesse social e a relação entre seis variáveis (i.e., felicidade global, emoção no relacionamento, enfasiamento na relação, quantidade de atividades partilhadas e frequência de beijos) consideradas relevantes. A amostra foi composta por 100 indivíduos casados. Verificou-se que, para os participantes do sexo feminino, o amor apaixonado relacionou-se moderadamente com a satisfação conjugal e com as seis variáveis referidas. Relativamente ao amor apaixonado com as variáveis mencionadas para os indivíduos do sexo masculino, não se verificaram correlações significativas.

### **Ajustamento diádico**

O ajustamento conjugal tem sido definido de acordo com o modo como vai ser avaliado, passando a não haver, portanto, uma definição consensual desta variável. Para além disto, o ajustamento diádico tem sido confundido com outros conceitos próximos, particularmente com o conceito de satisfação conjugal (Gomez & Leal, 2008). Contudo, para Spanier (1976) o ajustamento diádico ou conjugal pode ser visto de duas formas: como um processo ou como avaliação qualitativa de um estado. Relativo à definição do ajustamento diádico como processo, este envolve várias implicações, sendo a de maior importância a possibilidade deste ser estudado ao longo do tempo. Por sua vez, o ajustamento como avaliação qualitativa por ser definido de duas formas distintas. Primeiramente, a avaliação do ajustamento pode assumir que existe um *continuum* no ajustamento e a crença de que possui um dinamismo intrínseco, isto é, um movimento ao longo do *continuum*. Neste sentido, o processo de ajustamento conjugal refere-se aos eventos, circunstâncias e interações que viabilizam o movimento do casal para frente e para trás no *continuum*. Este pode ser compreendido como um processo em que os resultados são determinados através do grau das diferenças diádicas incómodas, das tensões interpessoais, da ansiedade individual, da satisfação diádica, da coesão diádica e do consenso diádico sobre campos importantes para o funcionamento do casal (Hernandez, 2008). O foco desta abordagem é a avaliação das características e interações da relação. Em segundo lugar, pode definir-se o ajustamento diádico sem ter em conta a dimensão temporal. Assim, quando o ajustamento é concetualizado como um estado imutável, a técnica para estudá-lo é simplificada pois que o investigador necessita apenas preocupar-se com a qualidade da relação no tempo em que os dados são recolhidos (Spanier, (1976).

Mendes e Pereira (2013) investigaram as diferenças de exclusividade sexual e ajustamento conjugal entre casais de sexo diferente e casais do mesmo sexo. A amostra foi composta por 909 participantes, com idade igual ou superior a 16 anos e que se encontravam numa relação íntima com duração mínima de 6 meses. Os resultados revelaram que aproximadamente metade da amostra apresentava níveis elevados de exclusividade sexual e de ajustamento diádico. Verificou-se que as relações conjugais (expressão de afeto, satisfação e consenso) entre casais heterossexuais e casais homossexuais não apresentam diferenças estatisticamente significativas.

### **Satisfação nas relações íntimas**

As primeiras investigações científicas sobre a satisfação conjugal foram realizadas por Gilbert Hamilton (1929, cit. por Lima, 2010), com base em dados sociais e psicológicos, e incidiram sobre o prazer nas relações e o prognóstico destas. Em seguida, na década de 40, o foco mudou para a percepção de si e do parceiro sobre a satisfação conjugal nos estudos de Corsini (1956), e até a década de 50, as pesquisas basearam-se em fatores globais e considerados pouco precisos. No entanto, na década de 60 a temática em estudo passou a ser vista como passível de ser composta e estudada por variáveis específicas. Na década de 70, após a revolução sexual, o estudo da satisfação passou a ser aprofundado e reconhecido como multidimensional, tendo levado, conseqüentemente, à revisão das escalas de avaliação até então criadas (Hicks & Platt, 1970 cit. por Lima, 2010). Desde os anos 80 até os dias de hoje, vários autores realizaram investigações sobre diferentes questões e novas perspectivas foram apresentadas e novos instrumentos de avaliação criados, no sentido do aprimoramento e padronização para outras culturas (Lima, 2010).

Deste modo, os estudos da satisfação conjugal foram continuamente influenciados pela ideologia da cultura e da época em que foram desenvolvidos (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004). Devido às divergências e diversidades na definição do conceito do termo satisfação conjugal, é inexistente uma sistematização determinante dos fatores que influem sobre a mesma (Villa, 2005). Conseqüentemente, o entendimento de satisfação nos relacionamentos românticos ao longo dos tempos sofreu alterações que conduziram à formação de novos modelos de preferências que se distanciaram do que era considerado vida conjugal satisfatória. O estudo da satisfação conjugal é importante quer para a esfera individual, como para a social, em que a união do casal refere-se, respetivamente, a um “porto seguro” e a um modelo para outros contatos sociais (Minuchin, 1990 cit. por Lima,

2010). Ainda, do ponto de vista individual, a satisfação ou a insatisfação poderá exercer influência sobre a saúde física e mental, no trabalho e na relação com terceiros (Arias-Galícia, 1989).

O estudo sobre a satisfação nas relações românticas exige o entendimento de diversos fatores que compõem a qualidade conjugal. Entre outros, fatores como o tempo de relacionamento, habilidades sociais, vida social conjunta, relacionamento sexual e correspondência às expectativas interagem de forma determinante na satisfação do casal. Devido à falta de conceitualização teórica da qualidade conjugal e à sua complexidade, torna-se necessário compreender que este conceito não pode cingir-se à avaliação dos cônjuges. Espera-se que esta avaliação considere igualmente a existência de um processo dinâmico entre os membros do casal e a percepção que cada um tem sobre o nível de qualidade da união (Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2007). Para além dos fatores mencionados, são apontados sentimentos como a confiança, respeito, sensibilidade, compreensão e colaboração para o alcance da satisfação na relação. Enquanto outros sentimentos, potenciadores do rompimento da relação, são apontados como stressores: mágoas, desilusões, desentendimentos e problemas de comunicação (Lopes, 2012). Shackelford e Buss (1997), com base numa perspectiva psicológica evolutiva, referem que a satisfação ou a insatisfação conjugal podem ser vistas como estados psicológicos que recaem sobre os benefícios e custos globais relativos à uma união conjugal específica.

De acordo com Bucher (1996), a satisfação conjugal, bem como o êxito da relação, são determinados pela complexidade da estrutura do vínculo conjugal que encontra suporte na individualidade de cada parceiro. Para Miranda (1987), as características individuais: percepção interpessoal e autoestima ocupam os papéis significativos para obter satisfação conjugal. Refere que a percepção interpessoal está associada à autoimagem e à imagem que se tem do parceiro conjugal. Outro fator individual importante para a satisfação refere-se à capacidade que cada parceiro tem para comunicar ao outro o que pensa e como se sente (Lima, 2010). A comunicação, segundo Johnson e Booth (1998), aumenta a capacidade de negociação e de resolução de conflitos de forma amigável, para além de que pode facultar a solução de problemas do quotidiano que de outra forma, se não resolvidos, poderiam potenciar a diminuição da intimidade e o aumento de sentimentos negativos, fazendo resultar na insatisfação conjugal.

Miller (1976, cit. por Lima, 2010) desenvolveu, considerando a importância dos aspetos transgeracionais e do ciclo de vida da família, um modelo multivariável de sete caracteres preditores para relações satisfatórias: antecedentes sociais dos cônjuges, nível

socioeconómico, número de filhos e espaço para os mesmos na relação familiar, tempo de casamento, frequência e duração da convivência conjugal. Outro autor, Karpel (1994, cit. por Lima, 2010), considerou que as variáveis para conceituar a satisfação conjugal remetiam para os sentimentos de paixão, alegria, compreensão e proximidade, equilíbrio entre apego e autonomia dos parceiros e a aceitação da ideia de que ninguém é capaz de suprir plenamente os desejos e carência do parceiro.

Retornando à qualidade da relação, Fincham e Brandbury (1987) apresentaram-na como um conceito mais amplo e subjetivo do que a satisfação conjugal. Deste modo, a satisfação conjugal, a intimidade, o compromisso conjugal (Fletcher, Simpson & Thomas, 2000), a comunicação, o ajustamento, a integração e a felicidade (Spanier & Lewis, 1980 cit. por Lima, 2010) são entendidos como componentes da qualidade do relacionamento conjugal. Diferentes autores ao realizarem seus estudos propuseram diferentes linhas de pensamento sobre a satisfação conjugal e qualidade na relação. Todavia, ainda que a segunda influa sobre a primeira, ambas não devem ser confundidas ou entendidas como a mesma coisa, pois um indivíduo pode perceber a sua relação com qualidade mesmo não estando satisfeito (Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani & Natividade 2004).

De acordo com Bystronski (1995 cit. por Andrade, Garcia & Cano, 2009), o grau de satisfação de um sujeito com a sua relação íntima consiste na função avaliativa subjetiva sobre a qualidade do seu relacionamento. A autora explica que a qualidade relaciona-se com os resultados positivos ou negativos obtidos na relação, com o nível de comparação entre os resultados da relação e o padrão interno de satisfação. Neste sentido, o padrão de satisfação é variável e concordante com as experiências passadas de cada indivíduo. Ou seja, um sujeito que se tenha envolvido em relações passadas com elevado nível de satisfação, apresentará um nível de comparação alto e, conseqüentemente irá esperar envolver-se em relações íntimas em que os benefícios superem os custos. Por seu turno, Hendrick e Hendrick (1997) defendem que o termo satisfação, para além de outros, tem sido empregue para efetuar a descrição do julgamento sobre relacionamento íntimo. Acrescentam que a perspectiva da satisfação do relacionamento abrange o sentimento subjetivo que cada um possui sobre a sua relação.

Num estudo realizado por Kurdek (2001) sobre as diferenças entre casais heterossexuais sem filhos e casais homossexuais e heterossexuais com filhos, os resultados mostraram que casais homossexuais estão, no geral, satisfeitos com os seus relacionamentos amorosos, tal como o grau de satisfação com os mesmos são equivalentes aos relatados por casais heterossexuais casados. Ulloa e Hammett (2015) desenvolveram um estudo sobre o impacto das alterações temporais da violência nas relações íntimas dos indivíduos que se

encontravam num relacionamento romântico. O estudo contou com um amostra de 8279 jovens e adultos. A associação entre aumentos na perpetração e satisfação não foi significativa. Adicionalmente, para as mulheres, aumentos da perpetração de violência nas relações de intimidade estão relacionados a uma maior satisfação. No caso dos homens, a associação entre aumentos da perpetração e satisfação não foi significativa. Para ambos os gêneros, aumentos na vitimação estão relacionados com uma satisfação mais baixa. Assim sendo, alterações temporais na violência nas relações íntimas poderão ter um impacto diferente na relação nos homens e nas mulheres.

## **A violência**

Para explicar a gênese da violência conjugal é necessário o afastamento da perspectiva de vítima e agressor, abrindo espaço para reconhecer os mitos e crenças sobre a violência (Ventura, Frederico-Ferreira & Magalhães, 2013). A origem das crenças no comportamento humano surge na infância como consequência das percepções que são construídas ao longo das interações com sujeitos significativos (Mendes & Cláudio, 2010). Deste modo, a violência encontra-se associada às representações sociais, e o que é considerado ou não violento tem por base o quadro de referência de cada indivíduo. No entanto, devido às transformações dos conceitos de violência, torna-se difícil a sua definição e concordância sobre determinadas manifestações que devem ou não ser consideradas violentas (Ventura, Frederico-Ferreira & Magalhães, 2013). Considere-se então o conceito de violência segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde da Organização Mundial de Saúde [OMS] (2002) que o define como: “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (p. 1165).

Segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (OMS, 2002), a tipologia de violência encontra-se dividida em três:

- 1) Violência auto-infligida remete para a violência que um indivíduo inflige a si mesmo e subdivide-se em comportamento suicida, inclusive pensamentos suicidas, tentativas de suicídio (i.e., parassuicídio e auto lesão deliberada) e auto abuso (e.g., automutilação);
- 2) Violência interpessoal é dividida em duas subcategorias:
  1. violência da família e de parceiro(a) íntimo(a) em que ocorre sobretudo entre membros da família e parceiros íntimos. Este tipo de violência ocorre predominantemente, mas não exclusivamente, dentro da habitação dos envolvidos.

Ainda respeitante a esta subcategoria, encontra-se o abuso infantil, a violência praticada por parceiro íntimo e o abuso contra idosos.

2. violência comunitária, refere-se à violência perpetrada entre pessoas sem laços de parentesco (i.e., consanguíneo ou não), que podem ser conhecidos ou estranhos. Acontece usualmente fora da habitação dos envolvidos. Para além dos referidos, este subgrupo abrange a violência juvenil, os atos aleatórios de violência, o estupro ou ataque sexual por estranhos e, a violência em grupos institucionais (e.g., escolas, locais de trabalho, prisões, asilos).

### 3) Violência coletiva

Nesta categoria são consideradas a violência social, política (i.e., guerras, conflitos de violência pertinentes, violência do Estado e atos cometidos por grupos maiores) e económica (i.e., ataques provocados por grupos maiores com vista a obtenção de ganho económico). Neste quadro encontra-se o sugestionamento da existência de causas que conduzem os grandes grupos de sujeitos ou Estados a praticarem violência.

## **Violência Doméstica**

A violência doméstica surge como uma problemática que envolve questões sociais, culturais, individuais, psicológicas, ideológicas, económicas, entre outras. Entende-se por atos, condutas ou omissões com intuito de infligir repetidamente e com díspares níveis de intensidade, bem como, diferentes tipos de sofrimentos, sendo considerada a dimensão física, sexual, psicológica/emocional, económica e ainda sobre a liberdade do outro, sendo praticada direta ou indiretamente sobre o indivíduo que habite no agregado doméstico privado ou que não habitando, seja cônjuge ou companheiro marital e ainda ex-cônjuge, ex-companheiro marital e ascendentes ou descendentes (Correia, 2012; ONU, 2004 cit. por Quaresma, 2012). É igualmente considerado violência doméstica a violência exercida sobre crianças, jovens, mulheres adultas, homens adultos e idosos que de algum modo são dependentes (i.e., em razão da idade, deficiência, doença, gravidez, dependência económica) e que coabite com o perpetrador da violência (Machado & Gonçalves, 2003; Quaresma, 2012). Quaresma (2012) refere também que esta problemática apresenta-se como um fenómeno transversal ocorrendo em todas as sociedades independente de idade, género, etnia, orientação sexual, classe social e localização geográfica, constituída como crime público.

Segundo o Relatório Anual 2013 (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV], 2014), relativo às estatísticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – APAV, a violência doméstica encontra-se dividida em dois grupos:

1. Crimes de violência doméstica em sentido lato:

1.1. Violação de domicílio ou perturbação da vida privada; Devassa da vida privada/gravações e fotografias ilícitas; Violação de correspondência ou de telecomunicações; Coação sexual, Violação, Abuso sexual de crianças, Abuso sexual de menor dependente, Abuso sexual de pessoa incapaz de resistência, Subtração de menor; Violação da obrigação de alimentos; Homicídio Tentado; Homicídio Consumado; Dano; Furto/Roubo; Outros crimes.

2. Crimes de violência doméstica em sentido estrito:

2.1. Maus tratos físicos; Maus tratos psíquicos (automatizado quando assinalados os maus tratos físicos); Ameaça/Coação; Injúrias/Difamação; Natureza sexual; Outros crimes.

Referente ao crime em sentido lato, a violação de domicílio ou perturbação da vida privada (1,3%) foi o crime mais vezes participado, seguindo-se os crimes de furto/roubo (0,7) e de dano (0,6%). Relativamente ao segundo, em sentido estrito, os maus tratos psíquicos somam 36,8% e os maus tratos físicos 26,9%, cujo total resulta em 63,7% dos crimes de violência doméstica em sentido estrito (APAV, 2014).

Redondo, Pimentel e Correia (2012) ao contextualizarem historicamente a violência doméstica, referenciam a violência contra as crianças como o marco do início dos estudos sobre a problemática. Explicitam que tal ocorreu após as constatações do radiologista John Caffey ao identificar um padrão de fraturas típicas, defendendo a possibilidade das mesmas serem resultado de maus-tratos parentais. Na sequência deste alerta, o artigo “*The Battered Child Syndrome*” descreve o “*síndrome da criança batida*” e foi o ponto de ingresso para as investigações realizadas no âmbito da referida temática (Kempe, Silverman, Steele, DroegemueLLer & Silver, 1962).

Sobre a sociedade portuguesa marcadamente católica, com uma visão construída pela Igreja que modelava as concepções sociais, o casamento é apresentado com carácter institucional em que, por força da manutenção matrimonial, as mulheres tinham a obrigação de suportar todos e quaisquer comportamentos violentos do marido, tendo que adotar uma postura passiva e pacificadora, pois o divórcio não era permitido (Soares & Cláudio, 2010).

Afirmam igualmente as perspetivas socioculturais que apresentam a violência contra as mulheres como resultado do seu tratamento histórico e da sociedade patriarcal atual, em que é concedido ao homem o poder sobre as mulheres e o uso da força para que tal seja

alcançado, ou seja, incorre-se na legitimação da violência tendo por base crenças, valores e estereótipos que valorizam o papel do homem, desvalorizando o da mulher (APAV 2010; Fonseca, Ribeiro & Leal, 2012). Assim, considerando o movimento feminista da década de 70, legitimava-se pela cultura patriarcal, a mulher como *pater familiae*, isto é, a mulher como propriedade. Deste modo, pelo entendimento social surgiram os conceitos “*battering*”, “*wife abuse*”, “*marital violence*” e “*domestic violence*”, os quais alertaram para os maus-tratos físicos repetidos decorrentes no seio familiar e matrimonial. Num segundo momento, o “síndrome da mulher batida” surgiu como termo descritivo que abarca os sintomas (i.e., medo intenso, desespero, desânimo aprendido, falta de esperança, tristeza, angústia, ansiedade, outros) apresentados pelas mulheres da violência exercida pelos homens (Redondo, Pimentel, & Correia, 2012). Os estudos centraram-se e afirmaram-na como “violência contra as mulheres no espaço doméstico” e “violência de género”. Todavia, e como forma de abranger as relações menos institucionais (i.e., união de fato, namoro, relações homossexuais, homens enquanto vítimas) foram adotados os termos “*partner violence*” e “*intimate partner violence*”.

### **Distorções cognitivas e crenças legitimadoras da violência**

Para descrever o conteúdo cognitivo idiossincrático indicativo de conceptualizações distorcidas ou irrealistas, Beck (1979) usou o termo *distorções cognitivas*. De acordo com Beck (1979), a cognição constitui um conjunto de processos que abrange a atenção, memória, percepção, interpretação, produção e compreensão da linguagem, aprendizagem e capacidade para tomar decisões. Assim, pode conceber-se como o processo que viabiliza a sistematização da informação aprendida e das respostas que são produzidas. O conteúdo cognitivo remete para pensamentos básicos e elementares que cada sujeito tem sobre si e sobre os outros, e os elementos cognitivos referem-se a representações mentais, discurso privado e outros (Couto, 2013). De acordo com Sternberg (1979), os processos cognitivos permitem ao indivíduo assimilar estímulos presentes no cotidiano, codificar informações transmitidas pelo meio social em representações mentais, armazenar representações mentais na memória permitindo a sua utilização imediata ou a longo prazo, e recuperar informações da memória para processos cognitivos subsequentes.

Por sua vez, a distorção remete para a adulteração da forma original, para uma modificação da aparência real de um objeto. Assim, a distorção cognitiva consiste no processamento de um conteúdo cognitivo de modo erróneo ou falso (Couto, 2013). Concerne

a formas incorretas ou enviesadas de assimilar ou de conferir significado a determinada experiência. De acordo com Franceschi (2007), as distorções cognitivas podem ser construídas a partir de três conceitos principais: a classe de referência, a dualidade e o sistema de *taxa*. A classe de referência é, sobretudo, constituída por um grupo de fenómenos ou objetos (e.g., classe composta por acontecimentos e fatos da vida do paciente, classe dos futuros eventos da vida do paciente); a dualidade corresponde ao par de conceitos como positivo/negativo, interno/externo, coletivo/individual, bonito/feio, implícito/explicito, abstrato/concreto, etc. Ou seja, a dualidade diz respeito a um critério sob o ângulo pelo qual os elementos da classe de referência podem ser considerados ou avaliados; o sistema de *taxa* consiste na taxonomia que permite ao paciente avaliar e classificar os elementos da classe de referência de acordo com o critério correspondente a determinada dualidade. Refere-se ao que o sujeito pode ver e consiste num sistema de valores que é inerente ao indivíduo ou de um filtro através do qual este vê os elementos da classe de referência, ou seja, os fenómenos ou objetos da realidade.

As crenças aludem a um sistema de regras pessoais, a princípios estipulados individualmente com fundo moral existente ou inexistente que são seguidas por opção de cada sujeito. A formação de uma crença pode ser considerada, por si, um fenómeno cognitivo, uma vez que é através da informação assimilada ao longo dos anos, da experiência adquirida e da racionalização dos dados aprendidos que um sistema de crenças e de princípios é construído. E é por este que os indivíduos se guiam. Importa referir que crenças sustentadoras de comportamentos violentos não se significam como distorções cognitivas. Ainda que as crenças impliquem proposições incorretas e irracionais, estas constituem um sistema ou rede de informações própria de estímulos adquiridos e experiências processadas. Por seu turno, uma cognição envolve diversos processos e pensamentos singulares passíveis de edificarem crenças (Couto, 2013).

Considerando que as interpretações sobre as experiências podem desencadear consequências emocionais e comportamentais, ao efetuar interpretações desajustadas à realidade, as consequências podem ser negativas. Nesta sequência, importa referir que as distorções cognitivas podem apresentar-se como fator de risco para a perpetração de atos violentos e comportamentos antissociais (Couto, 2013). De acordo com Paim (2006), ainda que versando a díade heterossexual, o agressor acredita na supremacia masculina e no papel estereotipado dos géneros; veem as mulheres como propriedade ou objeto sexual, não as reconhecendo ou respeitando. A autora refere que as crenças comuns nos agressores são: a tendência para a negação do comportamento agressivo e a minimização de agressão, acusando

a vítima de originar o comportamento emitido; o sucesso do relacionamento é responsabilidade da companheira; acreditam que a angústia emocional se deve a fatores externos, culpando os outros e atribuindo-lhes um comportamento hostil, ou imaginando provocações que não ocorreram. Por seu turno, as vítimas incorrem na auto culpabilização de atribuição de responsabilidade por se perceberem como causadoras da violência e como sendo incapazes de proceder ao término da relação (Fernandes, 2014).

Matos, Machado, Caridade e Silva (2006) realizaram uma investigação sobre a violência no namoro. O estudo foi efetuado com um ensaio cuja amostra era composta por 40 participantes, e por um segundo ensaio que contou com 210 indivíduos. Os autores verificaram que os indivíduos do sexo masculino apresentaram níveis mais elevados de legitimação de atos de violência na intimidade do que as mulheres.

### **O Ciclo de Violência**

O Ciclo de Violência desenvolvido por Walker (1979; Direção Geral de Saúde [DGS], 2014) pretende explicar os padrões de comportamentos violentos praticados por homens em contexto de relações de intimidade. Este é composto por três fases: 1) Fase da tensão: escalada gradual da violência decorrente da irritabilidade por parte do perpetrador de violência em que o motivo desta é incompreensível para a vítima. Nesta fase é presente a violência verbal e indícios que sugerem futura agressão física. As agressões surgem como forma de domínio sobre a vítima (Andrade, 2012) e podem gerar um padrão de desamparo aprendido aquando da suspensão por um período de tempo do comportamento abusivo (Andrade, 2012). Durante este tempo a noção de que a vítima pode controlar o agressor é reforçada. Como fatores de risco associados a esta fase surgem o consumo de álcool ou de outras substâncias pelo autor do crime (Manita, Riberio & Peixoto, 2009); 2) Fase da explosão/ataque violento: pode ocorrer agressão física, psicológica e/ou sexual. Esta fase caracteriza-se pelo agravamento e intensificação das agressões que se tornam mais frequente e violentas. Nesta fase a vítima tende a incorrer na desvalorização da gravidade da situação, acreditando que se tratou de um episódio isolado que não se repetirá. O sentimento de impotência, o isolamento e a frequente culpabilização pela situação dão mais força à estratégia do agressor, ou seja, este justifica a sua violência com o comportamento da vítima. Esta fase marca o momento em que há o maior número de denúncias da situação e/ou procura de apoio (DGS, 2014); 3) Fase de apaziguamento ou “lua-de-mel”: a violência e a tensão findam e o agressor adota estratégias de manipulação afetiva e de falso arrependimento, faz

promessas, garantindo que não voltará a ser violento e adota comportamentos de delicadeza e de sedução. Pela repetição do ciclo de violência as consequências tornam-se mais graves. A fase da lua-de-mel passa a ser efetivada com uma duração menor até que deixa de ocorrer, passando a ter lugar as fases de tensão e de agressão mais duradouras (Baptista, 2012), podendo chegar ao ponto mais intenso da agressão: homicídio (DGS, 2014).

### **A violência nas relações íntimas**

Devido aos fatores socioculturais e religiosos, foram desenvolvidas crenças sobre os papéis dos homens e das mulheres a serem desempenhadas nas relações. Emergiu a crença de superioridade masculina e conseqüente legitimação de direito de propriedade dos homens sobre as mulheres. Neste sentido, devido à aceitação da esfera matrimonial como domínio privado, o percurso para a visibilidade da violência foi-se prolongando (Soares & Cláudio, 2010). Contudo, os direitos e os deveres sofreram alterações aquando dos movimentos feministas que iniciaram o delineamento do papel ativo das mulheres na sociedade ao alcançar a emancipação e a igualdade de direitos (Alvim, 2006). Nesta sequência, os movimentos feministas da década de 70 articulados a outros movimentos alertaram para a violência sofrida por mulheres no seio familiar (Faro, 2012; Redondo, Pimentel & Correia, 2012). Atualmente, este tipo de violência tem sido amplamente estudada no contexto da relação íntima heterossexual, em que se aponta sobretudo a violência cometida por homens sobre mulheres, porém a mesma é infligida quer por mulheres sobre homens, quer no seio das relações íntimas homossexuais.

### **Violência entre parceiros íntimos homossexuais**

A prevalência da violência entre parceiros íntimos homossexuais apresenta-se como um problema de igual proporção ao dos casais heterossexuais (APAV, 2010). Todavia, é incrementada a menor visibilidade da problemática nos primeiros, o que conseqüentemente leva ao aumento da dificuldade de acesso e apoio disponíveis para indivíduos Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros (LGBT). Contudo, e ainda que persistam as investigações que versam as diferenças da violência perpetrada entre casais heterossexuais e homossexuais, ao incidir sobre as comparações, desvalorizam-se as pesquisas sobre as semelhanças na vitimação dos mesmos.

Os padrões, modos e efeitos da violência praticada por parceiros homossexuais parecem ser idênticos à violência perpetrada na díade heterossexual (Costa, Machado & Antunes, 2009). O poder e controle traduzem-se nos elementos centrais da violência doméstica, independentemente da orientação sexual. A adoção da conduta agressiva apresenta-se como meio eficaz para alcançar os elementos acima referidos, bem como para limitar progressivamente a autonomia da vítima (Pertnoy, 2012). Outro fator em comum refere-se à vivência do Ciclo de Violência (Brown, 2008; Brown & Groscup, 2008; Merrill & Wolfe, 2000). Deste modo, verifica-se que a violência apresenta-se tendencialmente da mesma forma, com igual padrão, frequência, severidade, impacto e motivação quer na violência doméstica heterossexual ou homossexual. Assim, nos relacionamentos íntimos homossexuais, verifica-se igualmente um padrão de violência com comportamentos repetidos e a escalada da violência (Merrill, 1998).

Segundo um estudo apontado por Pertnoy (2012), as reações físicas e psicológicas das vítimas homossexuais são semelhantes às das vítimas heterossexuais, e aponta as seguintes: a) término e reconciliações repetidas vezes, b) autorresponsabilização pela violência, c) sentimento de baixa autoestima, d) ligação emocional permanente ainda que seja presente a violência, e) recurso ao uso da força como autodefesa. O autor, referenciando outro estudo realizado, menciona que, tal como nos casais heterossexuais, as vítimas homossexuais apresentam o sentimento de responsabilização dos surtos de violência e acreditam que as únicas opções que têm é tentar mudar os seus comportamentos e/ou encontrar formas de agradar o(a) parceiro(a). Um padrão comportamental marcado pelo isolamento, vulnerabilidade, dependência da relação e tentativa de banalizar os atos violentos, esclarecem as tentativas das vítimas para encontrar uma justificação para os comportamentos do(a) companheiro(a). Para efetivar essa justificação as vítimas internalizam a culpa pela conduta do agressor, revertem a condição acreditando que o ocorrido pudesse não ter sucedido se tivessem adotado outro comportamento. Relativo ao agressor, a resposta oferecida é sobremaneira de responsabilização e culpabilização do outro, e negação da existência de conduta violenta (Costa, Machado & Antunes, 2009).

Apesar das semelhanças da violência exercida entre casais heterossexuais e homossexuais, existem fatores presentes na violência entre parceiros íntimos homossexuais que são ausentes nas relações heterossexuais (Costa, Machado & Antunes, 2009; Merrill, 1998). Pertnoy (2012) aponta a existência de duas formas de abuso exclusivas dos casais homossexuais:

- 1) a chantagem sobre o *outing*: ameaça ou ato de revelar a orientação sexual do(a) parceiro(a) contra a sua vontade) como forma de poder e controle de contar para familiares, amigos, entidades patronais e outros;

Sobre o preconceito, este pode ser internalizado quando o próprio indivíduo teme e rejeita a sua orientação sexual ou quando outros sujeitos ou estruturas sociais discriminam homossexuais. O primeiro pode decorrer de uma internalização provocada por membros de um grupo que cria um estereótipo a partir do qual são fortificados os sentimentos negativos sobre a homossexualidade, resultando no direcionamento da sua rejeição para o *self*. Importa que o preconceito internalizado resulta num fator estressor que afeta quer a vítima, como o agressor. A vítima o acolherá como agente legitimador da violência sofrida, em que a agressão surge como “castigo” sobre a sua orientação sexual que é considerada pela mesma como patológica e imoral. Para o agressor, o preconceito liga-se à baixa autoestima e ao sentimento de inadequação sexual (Costa, Machado & Antunes, 2009). O fator preconceito internalizado da vítima, leva-a ao isolamento e à vitimação que podem desencadear ou intensificar perturbações como a depressão, ansiedade, sentimentos de culpa, distúrbios alimentares, disfunções sexuais, comportamento ou ideação suicida, entre outros. O preconceito internalizado surge relacionado com a violência psicológica, que pretende a manutenção do controle e poder (Lehman, 1997 cit. por Nascimento & Chacon, 2009; Nascimento & Chacon, 2009).

- 2) ameaça de divulgar que o(a) parceiro(a) é seropositivo, devido à prevalência de portadores do HIV na comunidade LGBT.

Tratando-se de vítima portadora do HIV, a mesma pode utilizar a sua condição para impedir que o agressor abandone a relação. Portadores de HIV somam uma parte dos indivíduos que possuem probabilidades mais altas de serem maltratados física e psicologicamente pelos parceiros. Tal ocorre pelo medo de que a sua seropositividade seja revelada. A vítima seropositiva pode incorrer na manutenção da relação abusiva por medo de desenvolver SIDA e morrer sozinha. Acerca da condição do agressor seropositivo, este para manter a relação pode recorrer à culpa que o seu parceiro sente por abandonar a mesma ou ainda ao fingir estar doente para que o companheiro cuide de si e se mantenha na relação. Ainda, pode desculpar os comportamentos agressivos como efeitos secundários dos medicamentos (Costa, Machado & Antunes, 2009).

Edwards, Sylaska e Neal (2015), num estudo acerca da violência nas relações íntimas nas populações de minoria sexual, verificaram que a ocorrência de violência nas relações de casais do mesmo sexo é igual ou superior ao índice de violência observado entre casais

heterossexuais. Referenciam que os fatores de risco e stressores característicos da violência ocorrida entre parceiros heterossexuais são os mesmos encontrados na díade homossexual. Todavia, nos casais homossexuais são evidenciados fatores exclusivos que podem explicar o elevado índice de violência entre parceiros íntimos nesta minoria.

Ainda acerca das formas de exercício de violência exclusivas da comunidade LGBT, apresenta-se o modelo de categorização: “roda do poder e do controlo” que foi desenvolvido pelo projeto de intervenção sobre a violência doméstica (*Domestic Abuse Intervention Programs*, o chamado projeto de Duluth). O relatório *National Coalition of Anti-Violence Programs* (NCAPV) (2007, cit. por Topa, 2009) acrescenta aos dois modos de violência supramencionados, a seguinte categorização:

- 3) violência assumida como mútua e consensual, sendo caracterizada como comportamento normal nas relações LGBT;
- 4) reforço do medo relativo à falta de apoio policial, jurídico e outros para vítimas LGBT;
- 5) questionamento sobre a “verdadeira” orientação sexual do parceiro.

A condição de vítima de violência surge associada à dificuldade em encontrar apoio externo (i.e., apoio familiar, apoio institucional) devido à carência de formação e experiência de técnicos competentes na área da problemática em contexto de relação homossexual. Estudos apontam a predominância de violência nas relações homossexuais femininas em detrimento da masculina. Ao aludir a violência nas relações homossexuais masculinas, é apresentado um número reduzido que traduz o receio em estimar a prevalência da mesma. Todavia, os poucos estudos realizados com indivíduos homossexuais masculinos corroboram a elevada prevalência de violência nas relações (Costa, Machado & Antunes, 2009).

## **Papéis de género**

Ao versar os conflitos, Kurdek (2005) explica que estes são inevitáveis em qualquer relacionamento. Afirma que em casais heterossexuais, o conflito é muitas vezes decorrente das diferenças sistemáticas na forma díspar como os homens e as mulheres percebem os seus mundos. Kurdek (2005) defende que se esta perspetiva é válida, pode-se esperar que os parceiros de casais homossexuais resolvam os seus conflitos melhor que os pares de casais heterossexuais, uma vez que percebem o mundo da mesma forma. Brown (2008) reforça esta visão referindo que um dos maiores impactos dos papéis de género remete para a ideia de que

apenas mulheres poderiam ser vítimas e somente homens agressores nas relações íntimas, considerando a heterossexualidade. No entanto, esta conceção não se aplica na díade homossexual e como tal, seria expectável a inexistência de violência nos casais homossexuais.

Brown (2008) apresenta a relação entre pessoas do mesmo sexo pela constituição de duas pessoas que possuem igualdade física e social. Porém, refere que o perigo desta situação é ser potenciadora da banalização da gravidade da conduta violenta, uma vez que pode ser considerada apenas como uma discórdia ou discussão. Brown (2008) acrescenta que esta trivialização pode criar dificuldades, especialmente para o parceiro abusado, uma vez que a responsabilidade pode ser retirada do perpetrador do comportamento violento pela atribuição da culpa à vítima. Tal pode dificultar a capacidade da pessoa vitimada a receber ajuda adequada decorrente do desencorajamento de relato do abuso.

Gottman e colaboradores (2003), no estudo *Correlates of Gay and Lesbian Couples' Relationship Satisfaction and Relationship Dissolution*, observaram parceiros gays, lésbicas e heterossexuais discutirem sobre problemas nos seus relacionamentos. Evidenciou-se que os parceiros gays e lésbicas que iniciaram as discussões de forma positiva, quando comparados com os parceiros heterossexuais, foram mais propensos à manutenção de um tom positivo ao longo das mesmas. Para além do referido, as conclusões indicaram que os parceiros dos casais de gays e de lésbicas resolvem os conflitos de forma mais positiva pelas discussões eficazes, por menor propensão à utilização de resolução de conflitos em que um dos parceiros exige que o outro(a) se retire, e por manifestarem maior propensão para a apresentação de possíveis soluções e compromisso. Os investigadores propõem que os parceiros de casais homossexuais lidam melhor com os conflitos devido à maior atribuição de valor à igualdade entre os pares, dado que o poder e *status* entre estes apresentam poucas diferenças. Numa outra pesquisa sobre os casais de gays e lésbicas relativo ao trabalho doméstico, ao conflito, à satisfação, ao suporte social percebido, à estabilidade e às variáveis que predizem a qualidade do relacionamento, Kurdek (2005) verificou que em relação aos parceiros de casais heterossexuais, os parceiros de casais de homossexuais masculinos e femininos tendem a atribuir tarefas domésticas de modo mais justo, a resolver os conflitos de forma mais construtiva, a experienciarem níveis semelhantes de satisfação e perceberem menos apoio de membros da mesma família, percebendo mais apoio por parte de amigos. Constatou, através dos dados disponíveis, que os casais homossexuais podem ser menos estáveis do que os casais heterossexuais. No entanto, os fatores que predizem relações de qualidade tendem a ser os mesmos para os parceiros gays, lésbicas e heterossexuais casados.

Considerando a importância da influência do sexo biológico nos papéis de gênero sobre a divisão das tarefas domésticas, Kurdek (2005) aponta este como fator *major* para a atribuição das funções nos casais. Indica que esta distribuição de tarefas difere entre os casais heterossexuais e os casais de gays e lésbicas, pois nos últimos a distribuição ocorre independentemente do sexo biológico. Ao referenciar o estudo desenvolvido por Carrington (1999), Kurdek (2005) enumera três conclusões sobre a forma como é feita a divisão das tarefas domésticas entre os membros de um casal gay ou lésbico. A primeira é que os membros de casais homossexuais não atribuem as tarefas pela condição de “marido” ou “mulher”; em segundo lugar, refere que os membros dos casais homossexuais não dividem as tarefas de forma perfeitamente igual, sendo portanto mais suscetíveis, quando comparados aos membros dos casais heterossexuais, à negociação e chegada a um ponto de equilíbrio onde acordam a realização das diferentes tarefas de acordo com os interesses, habilidades e planos particulares de cada parceiro(a) (Kurdek, 2005). Acresce que este padrão de negociação é igualmente aplicado quando os casais têm filhos que vivem com o casal (Parterson, 2000); a última conclusão remete para a suscetibilidade de especialização nas tarefas domésticas, isto é, os membros estão dispostos a encontrar uma forma eficiente para concretizá-las.

### **Investigação na violência doméstica em parceiros íntimos homossexuais**

Vão ser apresentados de seguida um conjunto de estudos empíricos relativamente à violência doméstica entre parceiros íntimos homossexuais.

McKenry, Serovich, Mason e Mosack (2006) conduziram um estudo que teve como objetivo analisar a violência entre casais do mesmo sexo de forma a avaliar a influência das características individuais, os fatores da família de origem e os fatores relativos à intimidade na relação amorosa. A amostra teve 77 participantes em relações disfuncionais (40 homossexuais do sexo masculino e 37 lésbicas). Os resultados indicaram que o maior número de diferenças entre perpetradores e não perpetradores da violência está associado às características individuais.

Mais recentemente, Frankland e Brown (2014) exploraram os padrões de violência e o controlo na violência doméstica entre casais homossexuais. A amostra foi constituída por 184 homossexuais de ambos os sexos considerando as suas experiências de comportamentos agressivos e controladores nas relações amorosas. Mais de metade da amostra não tinha vivenciado experiências de comportamentos agressivos e/ou controladores, enquanto 13% dos

participantes e 14.7% dos seus parceiros estiveram envolvidos em situações de violência conjugal.

Eaton, Kaufman, Furhel, Cain, Cherry, Pope e Kalichman (2008) investigaram a violência interpessoal nas relações lésbicas, tendo utilizado um questionário relativo à problemática ( $n = 226$ ). Foram consideradas somente mulheres que se encontravam numa relação íntima. Foram analisados fatores ocorrentes no contexto de violência interpessoal: HIV/DST, comportamentos de risco, obstáculos para relatar abusos e atitudes inibidoras da busca de apoio social. O estudo procedeu à análise relacionando-os com a relação dinâmica de poder. A análise dos resultados indicou que o desequilíbrio e desigualdade na tomada de decisões nas relações íntimas lésbicas estão associados com a violência interpessoal.

Oringher e Samuelson (2011) no seu estudo referem que a masculinidade e o papel de género masculino perante a sociedade têm sido há muito reconhecidos pela sua relação com as várias formas de conduta violenta. Porém, o comportamento masculino dos homens homossexuais, relativo à violência nas relações íntimas, não tem sido estudado do mesmo modo. Na referida investigação foi utilizada uma amostra etnicamente diversificada de gays e bissexuais masculinos ( $n = 117$ ). Verificou-se que os homens que tinham cometido violência física ou sexual em seus relacionamentos, relataram níveis mais elevados de comportamentos masculinos que os homens que não tinham usado a violência. Foi verificada correlação elevada entre a perpetração de comportamentos violentos nas relações íntimas e o ser vítima de tal conduta. Existe ainda maior conformidade com as normas masculinas tradicionais, especificamente, a agressividade e a supressão de vulnerabilidade emocional, sendo um preditor significativo de perpetração de violência física.

Seelau e Seelau (2005), replicaram e desenvolveram uma investigação que demonstrou que as perceções acerca da violência doméstica heterossexual e entre casais do mesmo sexo são consistentes com os estereótipos dos papéis de género. O sexo da vítima apresentou-se como preditor mais potente do que a orientação sexual, e a violência heterossexual em que a mulher é vítima foi considerada o tipo de violência que deve merecer maior intervenção ativa. Este tipo de violência foi considerada mais grave quando comparada à violência perpetrada entre casais homossexuais masculinos. Observou-se pelas perceções, que os perpetradores masculinos apresentavam índice superior de capacidade para ferir as vítimas, e que as vítimas do sexo feminino eram mais propensas a sofrer ferimentos graves devido aos estereótipos dos papéis de género.

Carvalho, Lewis, Derlega, Winstead e Viggiano (2011), chamaram a atenção para as experiências vivenciadas pelas díades homossexuais masculinas e femininas causadas pelos

fatores estressores percebidos ligados à sua condição de minoria em relação aos casais heterossexuais. Os autores analisaram a relação entre homofobia internalizada, o estigma e a abertura para o autorrelato sobre a vitimação e perpetração de violência nas relações íntimas ( $n = 581$ ). Os resultados revelaram que 10% dos participantes foram perpetradores de violência na relação íntima. Aquando do controle das variáveis demográficas (i.e., idade, sexo do participante, status do relacionamento), as vítimas de violência nas relações íntimas relataram maiores expectativas de preconceito e discriminação. Da mesma forma, a expectativa de preconceito e a discriminação relacionaram-se com a perpetração de violência entre parceiros íntimos.

### **Objetivos e Hipóteses**

Tendo em consideração o que foi previamente discutido, observa-se que os estudos sobre a violência nos relacionamentos têm sido paulatinamente desenvolvidos, alargados e direcionados a outros campos anteriormente não explorados, nas últimas duas décadas. O aumento da visibilidade ocasionou o reconhecimento público e a consciência social sobre a violência conjugal (Machado, Matos & Gonçalves, 2006) e, mais especificamente, na conjugalidade homossexual. Pretende-se com esta investigação: a) explorar a existência de diferenças em função do sexo; b) analisar as relações entre o ajustamento diádico, o índice do amor apaixonado, as crenças legitimadoras da violência conjugal e a prevalência da violência nos relacionamentos íntimos homossexuais; c) verificar se o ajustamento diádico e as crenças legitimadoras da violência são preditores dos comportamentos violentos nas relações íntimas homossexuais; d) analisar se as crenças legitimadoras da violência e os comportamentos violentos são preditores do ajustamento diádico.

Como resultado da revisão de literatura aponta-se a existência de uma relação entre as crenças associadas à violência conjugal, o índice da sua perpetração e o sexo dos parceiros. Ainda que não sejam numerosas as investigações sobre a associação destas nas relações homossexuais, evidencia-se que as crenças fundam-se através dos papéis de género, e que a prevalência de comportamentos violentos surge ligada ao sexo nas díades heterossexuais (Seelau e Seelau, 2005). Embora atualmente os dados sobre a associação entre a violência e a satisfação sejam imprecisos, espera-se que uma influa sobre a outra. Estudos indicam que esta relação pode ser entendida tendo em conta o padrão interno de satisfação construído com base nas relações passadas de cada indivíduo e os resultados positivos ou negativos resultantes da

dinâmica conjugal (Bystronski, 1995 cit. por Andrade, Garcia & Cano, 2009). Alusivo aos estudos sobre o amor apaixonado e sua associação com a satisfação e com a violência, maior escassez é notável. Todavia, uma relação entre estes parece poder existir ao se associar a história de amor construída com base nas experiências de cada sujeito (Sternberg, 1996) com os sentimentos facilitadores de obtenção de satisfação e com os que potenciam o rompimento da relação (e.g., violência) (Lopes, 2012). Complementa-se que a satisfação ou a insatisfação conjugal pode significar os benefícios e custos globais de um relacionamento íntimo (Shackelford & Buss, 1997).

Neste sentido, como hipóteses de investigação foram identificadas as seguintes:

Hipótese 1: O grau de ajustamento diádico varia em função do sexo dos casais

Hipótese 2: O índice de crenças legitimadoras da violência conjugal varia em função do sexo dos participantes

Hipótese 3: O número de comportamentos violentos varia em função do sexo dos casais

Hipótese 4: O elevado número de comportamentos violentos diminui o grau de satisfação na relação

Hipótese 5: A legitimação da violência aumenta o índice de violência

Em seguida, e para além das hipóteses referidas, foram elaboradas questões de investigação acerca do amor apaixonado:

- 1) Existirão diferenças no nível de amor apaixonado em função do sexo dos casais participantes?
- 2) Será que a prevalência de comportamentos violentos varia em função do índice de amor apaixonado?
- 3) Variará o índice de amor apaixonado em função do grau de satisfação na relação?

## **Método**

### **Participantes**

Participaram no estudo homens e mulheres com orientação sexual homossexual ou bissexual, com idade igual ou superior a 18 anos. No presente estudo responderam 131

indivíduos, sendo 38.9% ( $n = 51$ ) homens e 61.1% ( $n = 80$ ) mulheres (Anexo A). A idade média é de 25.39 ( $DP = 5,610$ ), variando entre 18 e 48 anos (Anexo B). Nesta amostra, 76.3% ( $n = 100$ ) são homossexuais e 23.7% ( $n = 31$ ) são bissexuais (Anexo C). Relativamente ao comprometimento numa relação romântica, 62.6% ( $n = 82$ ) encontram-se comprometidos e 37.4% ( $n = 49$ ) não estão envolvidos num relacionamento romântico (Anexo D). Alusivo ao estado civil, 81.7% ( $n = 107$ ) são solteiros, 7.6% ( $n = 10$ ) são casados, 9.2% ( $n = 12$ ) vivem em união de fato e 1.5% ( $n = 2$ ) são divorciados/separados (Anexo E). Referente à satisfação com a relação atual, 65.6% ( $n = 86$ ) sentem-se satisfeitos e 12.2% ( $n = 16$ ) não estão satisfeitos com a relação atual. Respeitante à duração da relação, o tempo médio é de 24.84 meses ( $DP = 28.73$ ), sendo o tempo mínimo 1 mês de duração e o tempo máximo 144 meses (Anexo F). Existem 56.5% ( $n = 74$ ) de participantes que experienciaram separações/reconciliações, sendo que os restantes 43.5% ( $n = 57$ ) não vivenciaram o mesmo (Anexo G). Verificou-se que 25.2% ( $n = 33$ ) completaram o Ensino Secundário, 21.4% ( $n = 28$ ) concluíram a Licenciatura e 16% ( $n = 21$ ) possuem formação de um Curso Tecnológico/Profissional/Outros (Anexo H). Concernente ao país de residência, 73.3% ( $n = 96$ ) reside em Portugal, 23.7% ( $n = 31$ ) no Brasil, 0.8% ( $n = 1$ ) na Alemanha, 0.8% ( $n = 1$ ) em Espanha, 0.8% ( $n = 1$ ) em Itália e 0.8% ( $n = 1$ ) no Reino Unido (Anexo I).

## **Medidas**

### **Questionário sociodemográfico**

Foi elaborado para este estudo um questionário sociodemográfico com o objetivo de adicionar mais informação acerca dos participantes. Este questionário foi constituído por 10 questões que englobam a idade, sexo, orientação sexual, permanência numa relação romântica, estado civil, satisfação em relação à relação romântica, duração da relação, ocorrência de separações e reconciliações, habilitações literárias e país de residência. Os critérios de inclusão para o presente estudo referem-se à orientação sexual (i.e., homossexual ou bissexual) e idade (i.e., idade igual ou superior a 18 anos).

**Escala Revista de Ajustamento Diádico** (RDAS; adaptada de Spanier, 1976; Costa, Pereira & Leal, 2011)

Para avaliar a qualidade e a satisfação relacional foi utilizada a versão portuguesa da Escala Revista de Ajustamento Diádico (RDAS) para casais do mesmo sexo (Costa, Pereira & Leal, 2011). A versão original da medida é o Dyadic Adjustment Scale (DAS) (Spanier, 1976). A escala revista é constituída por 14 itens que se agrupam em três dimensões: Consenso (seis itens), Satisfação (quatro itens) e Coesão (quatro itens) (Anexo R). O formato de resposta é tipo Likert. Na primeira dimensão varia entre 1 (sempre de acordo) a 5 (sempre em desacordo), na segunda é avaliada entre 1 (sempre) a 5 (nunca) e a última dimensão entre 1 (nunca) a 5 (frequentemente).

A versão original da DAS (Spanier, 1976) contextualiza-se como medida de avaliação da relação conjugal. A versão final conta com 32 itens, dos quais 30 cotam-se através da escala tipo-Likert com 5-7 opções de resposta. Os outros dois itens devem ser respondidos de forma dicotómica (e.g., “sim” ou “não”). A maior parte dos itens agregam um conjunto de seis opções, que apresentam variações do “sempre em desacordo” a “nunca”. As cotações variam entre 0 a 5 (Gomez & Leal, 2008).

Em relação à análise da validade interna da Escala Revista de Ajustamento Diádico (Costa, Pereira & Leal, 2011), foi utilizada a Análise Fatorial com extração por Componentes Principais, seguida de rotação *varimax*. Foram extraídos três fatores: Consenso, Satisfação e Coesão. Relativamente ao alfa de Cronbach, o fator Consenso revela um valor de .652, o fator Satisfação apresenta um valor de .901 e o fator Coesão tem um valor de .704.

**Escala de Amor Apaixonado** (Hatfield & Sprecher, 1986; Feybesse, Neto & Hatfield, 2011)

Para avaliar o Amor Apaixonado foi utilizada a Escala de Amor Apaixonado reduzida (Feybesse, Neto & Hatfield, 2011) (Anexo S). É constituída por 30 itens e por 15 itens na escala reduzida. O formato de resposta é tipo Likert com variações entre 1 (totalmente falso) e 9 (totalmente verdadeiro). A escala mede o amor apaixonado considerando as componentes cognitivas, emocionais e comportamentais que sinalizem um desejo intenso de união com o companheiro.

A componente cognitiva avalia: 1 - Pensamentos intrusivos ou preocupações em relação ao parceiro(a), 2 - Idealização do outro(a) ou da relação e 3 - Desejo de conhecer o outro(a) e de ser conhecido por ele ou ela; A componente emocional considera os seguintes

aspectos: 1- Atração em relação ao outro(a), especialmente em relação a atração sexual, 2- Sentimentos positivos quando as coisas vão bem na relação e sentimentos negativos quando elas vão mal, 3- Desejo de reciprocidade: as pessoas apaixonadas querem amar e serem amadas de volta, 4- Desejo de união completa e permanente e 5- Excitação fisiológica; A componente comportamental estima os pontos seguintes: 1- Ações que ajudam a determinar os sentimentos da pessoa amada, 2- Estudar a pessoa amada e 3- Servir o outro(a).

Em relação à análise fatorial da escala adaptada de Amor Apaixonado (Feybesse, Neto & Hatfield, 2011) foi utilizada a análise de componentes principais. Os itens da escala saturaram numa dimensão com valores acima de .45, à exceção do item 1 que obteve uma saturação de .29, sendo retirado da escala. Os itens da escala, agrupados num único fator, explicaram 45,37% da variância. Por sua vez, a escala reduzida apresenta todos os itens com uma saturação acima de .45, não estando o item 1 incluído. Na consistência interna da escala verifica-se um valor de .96 para a escala completa e um alfa de Cronbach de .92 na escala reduzida (Feybesse, Neto & Harfield, 2011).

#### **Escala de Crenças sobre Violência Conjugal** (Machado, Matos & Gonçalves, 2006)

A Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC) (Machado, Matos & Gonçalves, 2006; Félix, 2012) permite a avaliação de atitudes e crenças relativamente à violência física e psicológica nas relações de tipo conjugal, medindo o grau de legitimação/tolerância em relação a esta e os fatores ou crenças específicas que contribuem para a sua legitimação. É uma escala de Likert, composta por 25 itens, e cada um dispõe de 5 níveis de resposta (i.e., 1, 2, 3, 4, 5). Assim, cada afirmação segue a seguinte pontuação: 5 pontos - concorda totalmente; 4 pontos - concorda; 3 ponto - não concorda nem discordo; 2 pontos - discordo e 1 ponto - discordo totalmente. A escala é pontuada pela soma direta das respostas obtidas, de 1 a 5, em sentido direto.

A análise fatorial da versão adaptada da escala revelou quatro fatores: fator 1 “legitimação e banalização da pequena violência”, fator 2 “legitimação da violência pela conduta da mulher”, fator 3 “Legitimação da violência pela sua atribuição a causas externas” e fator 4 “legitimação da violência pela preservação da privacidade familiar”. Relativamente à fidelidade da escala, esta apresenta valores de alfa de Cronbach adequados. Em relação à análise de construto foi utilizada a Análise de Componentes Principais, com a utilização de rotação *varimax*.

Verificou-se que os quatro fatores supramencionados explicam 56.0% da variância, sendo que o fator 1 explica 40.2% da variância comum, o fator 2 explica 7.1% da variância comum, o fator 3 explica 4.4% da variância comum e o fator 4 explica 4.2% da variância comum. A consistência interna da escala concretiza-se com o valor do alfa de Cronbach de .93.

Para o presente estudo foi necessário proceder à exclusão de itens (i.e., 5 e 25), bem como à modificação de outros para que fosse possível obter concordância no que respeita aos papéis de género implícitos associados aos casais heterossexuais (Anexo T). Isto é, para que os itens estivessem em conformidade com a orientação sexual dos participantes, procedeu-se à alteração dos mesmos adaptando-os para casais homossexuais.

### **Inventário de Violência Conjugal** (Machado, Matos & Gonçalves, 2006)

Esta escala é composta por 21 itens que pretendem analisar as relações quer atuais quer passadas dos inquiridos (Anexo U). Este instrumento determina a prevalência dos atos de violência perpetrados e sofridos por parte dos parceiros amorosos e a frequência com que surgem, isto é, nunca, uma vez e mais do que uma vez. Através do preenchimento deste inventário é possível identificar os participantes como vítimas e não-vítimas, ofensores e não-ofensores, em que são considerados vítimas se indicarem terem sofrido pelo menos uma vez de comportamentos abusivos, e não-vítimas se descreverem não terem sofrido de nenhum ato abusivo.

O inventário conta com a seguinte divisão sobre os itens referente ao tipo de maus tratos perpetrados: itens 1, 3, 10 e 13 remetem para os maus tratos físicos, os itens 4, 5, 8, 11, 12, 15, 16, 17 e 18 para os maus tratos físicos severos, e por fim, os itens 2, 6, 7, 9, 14, 19 e 20 respeitam os maus tratos emocionais. Deste modo, os itens compreendem comportamentos abusivos a nível físico, emocional e coercivo e/ou de intimidação. A escala pode ser preenchida individualmente ou em grupo, e não apresenta tempo limite. Importa referir que os indivíduos que afirmam terem adotado pelo menos uma das condutas presentes nas escalas são classificados como maltratantes.

Não havendo uma cotação da escala, e por se tratar de um inventário comportamental, a análise deve ser efetuada item a item, analisando a frequência de adoção dos comportamentos identificados.

## **Procedimento**

Inicialmente, os instrumentos de recolha de dados foram publicados no *software Qualtrics Research Suite* de forma a recolher as respostas dos participantes, após autorização dos autores das medidas para a utilização das mesmas. Neste estava incluído o consentimento informado e os instrumentos utilizados, tal como o objetivo do estudo, informando os participantes de que a sua participação seria voluntária. De forma a controlar os efeitos de ordem, à exceção do questionário sociodemográfico, os instrumentos foram ministrados de forma a serem apresentados aos participantes alternadamente. A recolha dos dados decorreu entre o dia 16 de maio de 2015 e 12 de setembro do mesmo ano. O pedido para participação na presente investigação foi partilhado através das redes sociais e do envio de e-mail para a Instituição Particular de Solidariedade Social - Associação ILGA Portugal - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero, para a associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e simpatizantes - Rede ex aequo, bem como para a organização cívica de carácter social de membros da comunidade LGBT - Opus Gay, de forma a reencaminharem para os seus membros e associados o mesmo.

## **Análise de dados**

Após a recolha dos dados para o presente estudo, procedeu-se à análise quantitativa das escalas utilizadas para o mesmo através do programa estatístico IBM SPSS Statistics - Statistical Package for the Social Sciences, versão 20. Verificou-se que o tempo médio de resposta ao conjunto de instrumentos foi de aproximadamente 20 minutos. No primeiro momento foi verificada a fiabilidade das escalas, seguindo-se a análise descritiva da amostra e procedeu-se à análise fatorial de uma das escalas (i.e., ECVC). Para analisar a diferença entre grupos das escalas foi utilizado o t-student para amostras independentes. As Tabelas 1, 2, 3 e 4 são relativas ao t-student para as dimensões do ajustamento diádico, para o amor apaixonado, para as crenças sobre violência conjugal total e para o índice de violência conjugal total, respetivamente. Para analisar as hipóteses recorreu-se à correlação de Pearson para analisar as relações entre as variáveis em estudo, como apresentado nas Tabelas 5, 6, 7, 8 e 9. Utilizou-se igualmente a análise de regressão linear múltipla, usando o método Enter, como consta nas Tabelas 10 e 11, para avaliar o contributo de cada uma das variáveis para as dimensões do ajustamento diádico, das crenças legitimadoras de violência sobre a prevalência

de comportamentos violentos e para as crenças legitimadoras da violência, da prevalência de comportamentos violentos sobre as dimensões do ajustamento diádico.

## **Resultados**

### **Análise Fatorial**

Para o presente estudo, relativamente à ECVC, foi realizada uma análise fatorial exploratória dado que o estudo disponível sobre as propriedades psicométricas da escala apresentava itens a saturarem em mais que um fator, e o último fator era constituído apenas por itens que saturavam significativamente nesse e, pelo menos, num outro fator (Anexo Q). Com a extração por componentes principais seguida de rotação *varimax*, resultaram 3 fatores que explicam 63.6% da variância, sendo este um valor superior ao da adaptação portuguesa da escala, com 4 fatores (Machado, Matos & Gonçalves, 2006). Assim, o fator 1 “Legitimação e banalização da pequena violência” passou a contar com os itens 7, 8, 11, 14, 15, 16, 17, 18 e 20, O fator 2 “ Legitimação da violência através da conduta do parceiro” compreende os itens 10, 12, 13, 19, 21, 22, e 23, e o fator 3 “Legitimação da violência pela sua atribuição a causas externas” passou a ser composto pelos itens 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 9.

Para a escala, o valor da consistência interna é elevado ( $\alpha = .95$ ). Relativo ao fator 1 “Legitimação e banalização da pequena violência” e o fator 2 “ Legitimação da violência através da conduta do parceiro”, o *alfa de Cronbach* é .92 e .91, respetivamente, o que revela fiabilidade elevada. No entanto, o fator 3 “Legitimação da violência pela sua atribuição a causas externas”, apresenta  $\alpha$  de .85, o que revela uma fiabilidade considerada de moderada a elevada (Maroco & Garcia-Marques, 2006). Verificou-se que os três fatores mencionados explicam 63,6% da variância, sendo que o fator 1 explica 50,7% da variância comum, o fator 2 explica 7,2% da variância comum e o fator 3 explica 5,7% da variância comum.

### **Análise das diferenças das variáveis em função do sexo do casal**

Para verificar se existem diferenças entre o grau ajustamento diádico, o nível de amor apaixonado, o índice de crenças sobre violência conjugal e a prevalência de violência conjugal em função do sexo, através dos valores médios e desvios-padrão, foi utilizado o teste *t-student* para amostras independentes.

Tabela 1

*Médias e Desvios-padrão para as dimensões do ajustamento diádico em função do sexo dos participantes*

	Homens		Mulheres	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
DAS_Consenso	4.57	0.83	5.12	0.70
DAS_Satisfação	4.36	1.06	4.59	0.90
DAS_Coesão	3.81	1.44	4.76	1.28

Nota: DAS - Ajustamento diádico (Dyadic Adjustment Scale)

Verifica-se que relativamente à dimensão consenso existem diferenças significativas em função do sexo. Deste modo, observa-se que os homens percecionam níveis menos elevados de ajustamento diádico comparativamente às mulheres ( $t(94) = - 3.44, p = .001$ ).

No que respeita à dimensão satisfação observa-se que não existem diferenças significativas no ajustamento diádico entre homens e mulheres ( $t(94) = - 1.16, p = .248$ ).

Na coesão existem diferenças significativas em função do sexo. Verifica-se que homens apresentam níveis inferiores de ajustamento diádico face às mulheres ( $t(93) = - 3.28, p = .001$ ), nesta dimensão.

É possível observar que os valores relativamente às dimensões consenso, satisfação e coesão são valores altos que se aproximam do ponto máximo da referida escala (Anexo J). Todavia, estes valores são mais altos para as mulheres comparativamente aos homens. Neste sentido, os participantes do sexo feminino apresentam níveis mais elevados de ajustamento diádico.

Tabela 2

*Médias e Desvios-padrão do amor apaixonado em função do sexo dos participantes*

	Homens		Mulheres	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
EAA	6.39	1.29	6.59	1.48

Nota: EAA – Escala de Amor Apaixonado

Referente ao amor apaixonado verifica-se que não existem diferenças significativas do amor apaixonado em função do sexo ( $t(101) = - .68, p = .496$ ).

Verifica-se que os valores apresentados quer pelos participantes do sexo masculino ( $M = 6.39$ ) quer pelos do sexo feminino ( $M = 6.59$ ), encontram-se ligeiramente acima do ponto médio da escala (Anexo K).

Tabela 3

*Médias e Desvios-padrão para as crenças sobre violência conjugal em função do sexo dos participantes*

	Homens		Mulheres	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
ECVC	1.70	0.75	1.45	0.45

Nota: ECVC – Escala de Crenças sobre Violência Conjugal

Relativamente às crenças sobre violência conjugal verificam-se diferenças significativas em função do sexo. Isto é, os homens apresentam mais crenças legitimadoras de violência conjugal quando comparados às mulheres ( $t(94) = 2.04, p = .044$ ).

Relativamente às crenças sobre violência conjugal, os valores apresentados são baixos e se aproximam do ponto mínimo da escala. A diferença entre homens ( $M = 1.70$ ) e mulheres ( $M = 1.45$ ) não é significativa (Anexo L).

Tabela 4

*Médias e Desvios-padrão para violência conjugal em função do sexo dos participantes*

	Homens		Mulheres	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
IVC	1.13	0.3	1.14	0.23

Nota: IVC – Inventário de Violência Conjugal

A análise relativa às diferenças de género no índice de violência conjugal revelou que não se observam diferenças em função do sexo. Não existem níveis diferentes de violência conjugal entre os casais masculinos e femininos ( $t(129) = -.120, p = .905$ ).

Sobre a prevalência de violência conjugal os valores apontam proximidade com o valor mínimo da escala, sendo estes muito próximos para o sexo masculino ( $M = 1.13$ ) e para o sexo feminino ( $M = 1.14$ ). Observa-se que os participantes apresentam baixo índice de violência conjugal (Anexo M).

## Análise de relações entre as variáveis em estudo

Para analisar a relação entre as dimensões do ajustamento diádico, a escala do amor apaixonado, a escala de crenças sobre violência conjugal e as suas dimensões e o inventário de violência conjugal e as suas dimensões procedeu-se à análise dos coeficientes de correlação de *Pearson* (Anexo N).

Tabela 5

*Correlações das dimensões do ajustamento diádico com o amor apaixonado, os índices de violência conjugal e as crenças sobre violência conjugais*

	DAS_Consenso	DAS_Satisfação	DAS_Coesão
EAA_Média	-0.085	-0.149	0.074
IVC_MausTratosFísicos	-0.008	-0.141	-0.069
IVC_MausTratosSeveros	-.236*	-0.163	-0.072
IVC_MausTratosEmocionais	-.317**	-.444**	-.209*
IVC_Média	-.318**	-.376**	-0.184
ECVC_LBPV	-0.015	-0.187	-.268*
ECVC_LVC	0.114	-0.144	-0.203
ECVC_ACE	0.094	-0.032	-0.134
ECVC_total	0.07	-0.141	-.238*

Nota: \*\*  $p < 0.01$ ; \*  $p < 0.05$ , DAS – Escala de Ajustamento Diádico, EAA – Escala de Amor Apaixonado, IVC – Inventário de Violência Conjugal, ECVC – Escala de Crenças sobre Violência Conjugal, LBPV – Legitimação e Banalização da Pequena Violência, LVC – Legitimação pela Conduta do Parceiro, ACE – Atribuição à Causas Externas

Referente à análise de correlações relativo à Tabela 5 verifica-se que a dimensão consenso se correlaciona de forma significativa com o índice de violência conjugal total, mas também com as suas dimensões, excetuando os maus tratos físicos. Em relação ao consenso com as dimensões supramencionadas, observa-se que se correlacionam de forma negativa. Desta forma, quanto maior o grau de consenso, menor é o índice de maus tratos físicos severos, de maus tratos emocionais e do índice de violência conjugal total. O grau de associação entre o consenso e os maus tratos físicos severos é fraco ( $.10 < r < .30$ ). Sendo o grau entre o consenso e os maus tratos emocionais e o índice de violência conjugal total moderado ( $.30 < r < .60$ ). Relativamente às restantes variáveis não se verificam correlações estatisticamente significativas.

Alusivo à dimensão satisfação, observa-se que este se correlaciona de forma significativa e negativa com os maus tratos emocionais e com o índice de violência conjugal

total. Assim, quanto maior é nível de satisfação, menor é o índice de maus tratos emocionais e o índice de violência conjugal total. O grau de associação entre as referidas dimensões é moderado ( $.30 < r < .60$ ). Relativamente às restantes variáveis não se verificam correlações estatisticamente significativas.

Relativo à dimensão coesão, verifica-se que esta se correlaciona significativa e negativamente com os maus tratos emocionais, com a legitimação e banalização da pequena violência e com o índice de crenças sobre violência conjugal total. Deste modo, quanto maior é o grau de coesão, menor é o índice das dimensões mencionadas. O grau de associação entre estas dimensões é fraco ( $.10 < r < .30$ ). Respeitante às restantes variáveis não se verificam correlações estatisticamente significativas.

Tabela 6

*Correlações do amor apaixonado com as dimensões do ajustamento diádico, a violência conjugal e as crenças sobre violência conjugal*

	EAA_Média
DAS_Consenso	-0.085
DAS_Satisfação	-0.149
DAS_Coesão	0.074
IVC_MausTratosFisicos	-0.019
IVC_MausTratosSeveros	-0.053
IVC_MausTratosEmocionais	0.047
IVC_Média	0.034
ECVC_LBPV	0.012
ECVC_LVC	-0.001
ECVC_ACE	-0.027
ECVC_total	-0.006

Nota: \*\*  $p < 0.01$ ; \*  $p < 0.05$ , EAA – Escala de Amor Apaixonado, DAS – Escala de Ajustamento Diádico, IVC – Inventário de Violência Conjugal, ECVC – Escala de Crenças sobre Violência Conjugal, LBPV – Legitimação e Banalização da Pequena Violência, LVC – Legitimação pela Conduta do Parceiro, ACE – Atribuição à Causas Externas

Relativamente à análise das correlações entre o grau de amor apaixonado total e as diferentes dimensões do ajustamento diádico, do índice de violência conjugal total e das suas dimensões, e das crenças sobre violência conjugal total e das suas dimensões verifica-se que não existem correlações estatisticamente significativas entre as variáveis.

Tabela 7

*Correlações das dimensões da escala de crenças sobre violência conjugal com as dimensões da do ajustamento diádico, com o amor apaixonado e dimensões da violência conjugal*

	ECVC_LBPV	ECVC_LVC	ECVC_ACE	ECVC_total
DAS_Consenso	0.015	-.114	-0.094	-0.07
DAS_Satisfação	-0.187	-0.144	-0.032	-0.141
DAS_Coesão	-.268*	-0.203	-0.134	-.238*
EAA_Média	0.012	-0.001	-0.027	-0.006
IVC_MausTratosFísicos	.607**	.396**	.419**	.532**
IVC_MausTratosSeveros	.484**	.549**	.515**	.571**
IVC_MausTratosEmocionais	.484**	.435**	.384**	.484**
IVC_Média	.544**	.503**	.478**	.566**

Nota: \*\*  $p < 0.01$ ; \*  $p < 0.05$ , ECVC – Escala de Crenças sobre Violência Conjugal, LBPV – Legitimação e Banalização da Pequena Violência, LVC – Legitimação pela Conduta do Parceiro, ACE – Atribuição à Causas Externas, DAS – Escala de Ajustamento Diádico, EAA – Escala de Amor Apaixonado, IVC – Inventário de Violência Conjugal,

Concernente à análise de correlações da dimensão legitimação e banalização da pequena violência relativo às crenças sobre violência conjugal, observa-se a existência de correlações estatisticamente significativas relativamente à dimensão coesão no ajustamento diádico, ao índice de violência conjugal total e às suas dimensões. Das correlações referidas, note-se que a correlação estabelecida entre a legitimação e banalização da pequena violência e a dimensão coesão é negativa, ou seja, quanto maior for o índice da legitimação e banalização da pequena violência, menor é o índice de coesão. O grau de associação destas é fraco ( $< .10$ ). Respeitante às correlações das restantes variáveis referidas, verifica-se a presença de correlações positivas. Isto é, quanto maior o índice da legitimação e banalização da pequena violência, maior é o índice de violência conjugal total e das suas dimensões. O grau de associação entre a legitimação e banalização da pequena violência e os maus tratos físicos severos, os maus tratos emocionais e o índice de violência conjugal total é moderado ( $.30 < r < .60$ ). Por fim, verifica-se que o grau de associação entre a legitimação e banalização da pequena violência e os maus tratos físicos é forte ( $.60 < r < .90$ ). Concernente às outras variáveis não se verificam correlações estatisticamente significativas

Alusivo à análise de correlações da legitimação da violência pela conduta relativo às crenças sobre violência conjugal, constata-se que existem correlações estatisticamente significativas relativas ao índice de violência conjugal total e de suas dimensões. As correlações estabelecidas são positivas, e como tal, quanto maior o índice de legitimação da violência pela conduta do(a) parceiro(a), maior é o índice de violência conjugal total e das

suas dimensões. O grau de associação presente entre as diferentes dimensões é moderado ( $.30 < r < .60$ ). Com as restantes variáveis não se verificam correlações estatisticamente significativas.

Respeitante à análise de correlações da dimensão atribuição a causas externas relativa às crenças sobre violência conjugal, verifica-se que existem correlações estatisticamente significativas em relação ao índice de violência conjugal total e suas dimensões. As referidas correlações são positivas, e assim sendo, quanto maior o índice de atribuição a causas externas da violência conjugal, maior o índice de violência conjugal total e das suas dimensões. O grau de associação presente nas dimensões mencionadas é moderado ( $.30 < r < .60$ ). Em relação às demais variáveis não se verificam correlações estatisticamente significativas.

Em relação à análise de correlações das crenças sobre violência conjugal total, constata-se que existem correlações estatisticamente significativas em relação à coesão no ajustamento diádico, ao índice de violência conjugal total e suas dimensões. A correlação estabelecida entre as crenças da violência conjugal total e a coesão no ajustamento diádico é negativa, e como tal, quanto maior o índice de crenças sobre violência conjugal total, menor é o nível de coesão. O grau de associação entre estas é fraco ( $< .10$ ). Relativamente às restantes dimensões supramencionadas, observa-se que as correlações estabelecidas com o total de crenças sobre violência doméstica são positivas. Nesse sentido quanto maior é o índice de crenças sobre violência conjugal total, maior é o índice de violência conjugal total e das suas dimensões. O grau de associação entre estas é moderado ( $.30 < r < .60$ ). Relativamente às outras variáveis não se verificam correlações estatisticamente significativas.

Alusivo à análise de correlações dos maus tratos físicos com às crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões, observa-se a existência de correlações estatisticamente significativas, como observável na Tabela 8. As correlações estabelecidas entre as dimensões indicadas são positivas, ou seja, quanto maior o índice de maus tratos físicos, maior é o índice de crenças sobre violência conjugal total e das suas dimensões. O grau de associação entre os maus tratos físicos e a legitimação e banalização da pequena violência é forte ( $.60 < r < .90$ ), e o grau de associação entre os maus tratos físicos e as crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões é moderado ( $.30 < r < .60$ ). Relativamente às outras variáveis não se verificam correlações estatisticamente significativas.

Tabela 8

*Correlações das dimensões da violência conjugal com as dimensões do ajustamento diádico, amor apaixonado e dimensões das crenças sobre violência conjugal*

	IVC_MausTratosFisicos	IVC_MausTratosSeveros
DAS_Consenso	-0.008	-.236*
DAS_Satisfação	-0.141	-0.163
DAS_Coesão	-0.069	-0.072
EAA_Média	-0.019	-0.053
ECVC_LBPV	.607**	.484**
ECVC_LVC	.396**	.549**
ECVC_ACE	.419**	.515**
ECVC_total	.532**	.571**

Nota: \*\*  $p < 0.01$ ; \*  $p < 0.05$ , IVC – Inventário de Violência Conjugal, DAS – Escala de Ajustamento Diádico, ECVC – Escala de Crenças sobre Violência Conjugal, LBPV – Legitimação e Banalização da Pequena Violência, LVC – Legitimação pela Conduta do Parceiro, ACE – Atribuição à Causas Externas

A análise de correlações referentes aos maus tratos físicos severos evidencia que existem associações significativas com o consenso no ajustamento diádico, com as crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões. A correlação existente entre os maus tratos físicos severos e o consenso no ajustamento diádico é negativa, ou seja, quando maior o índice de maus tratos físicos severos, menor é o grau de consenso. Por seu turno, as correlações estabelecidas entre os maus tratos físicos severos e as crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões são positivas, e assim sendo, quanto maior for o índice de maus tratos físicos severos, maior é o índice de crenças sobre violência conjugal total e das suas dimensões. O grau de associação entre os maus tratos físicos severos e o consenso é fraco ( $.10 < r < .30$ ) e o grau de associação entre os maus tratos físicos severos e as crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões é moderado ( $.30 < r < .60$ ). Relativamente às outras variáveis não se verificam correlações estatisticamente significativas.

Como se pode observar na Tabela 9, a análise de correlação relativo à dimensão maus tratos emocionais revela que existem correlações estatisticamente significativas em relação às dimensões do ajustamento diádico e às crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões. Relativamente à correlação existente entre os maus tratos emocionais e o consenso, satisfação e coesão, esta é negativa. Desta forma, quanto maior o índice de maus tratos emocionais, menor será o índice de consenso, satisfação e coesão. O grau de associação entre os maus tratos emocionais e o consenso e a satisfação é moderado ( $.30 < r < .60$ ) e

entre os maus tratos emocionais e a coesão é fraco ( $.10 < r < .30$ ).). No que concerne à correlação entre a dimensão maus tratos emocionais e as crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões, verifica-se que esta é positiva. E como tal, quanto maior o índice de maus tratos emocionais, maior é o índice de crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões. O grau de associação entre os maus tratos emocionais as crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões é moderado ( $.30 < r < .60$ ).

Tabela 9

*Correlações das dimensões da violência conjugal com as dimensões do ajustamento diádico, amor apaixonado e dimensões das crenças sobre violência conjugal*

	IVC_MausTratosEmocionais	IVC_Média
DAS_Consenso	-.317**	-.318**
DAS_Satisfação	-.444**	-.376**
DAS_Coesão	-.209*	-0.184
EAA_Média	0.047	0.034
ECVC_LBPV	.484**	.544**
ECVC_LVC	.435**	.503**
ECVC_ACE	.384**	.478**
ECVC_total	.484**	.566**

Nota: \*\*  $p < 0.01$ ; \*  $p < 0.05$ , IVC – Inventário de Violência Conjugal, DAS – Escala de Ajustamento Diádico, ECVC – Escala de Crenças sobre Violência Conjugal, LBPV – Legitimação e Banalização da Pequena Violência, LVC – Legitimação pela Conduta do Parceiro, ACE – Atribuição à Causas Externas

Referente à análise de correlação do índice de violência conjugal total, evidencia-se a existência de correlações estatisticamente significativas com o consenso e satisfação do ajustamento diádico, com as crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões. Observa-se que a correlação entre o índice de violência conjugal total e a satisfação no ajustamento diádico é negativa. Deste modo, quanto maior é o índice de violência conjugal total, menor é índice de satisfação. O grau de associação entre estes é moderado ( $.30 < r < .60$ ). Referente à correlação entre o índice de violência conjugal total e o consenso, está é negativa. Assim, quanto maior o índice de violência conjugal total, menor é o nível de consenso no ajustamento diádico. A correlação existente entre o índice de violência conjugal total e as crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões é positiva. E como tal, quanto maior o índice de violência conjugal total, maior é índice de crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões. O grau de associação entre o índice de violência conjugal

total e o consenso no ajustamento diádico, e as crenças sobre violência conjugal total e suas dimensões é moderado ( $.30 < r < .60$ ).

### Análise de regressão linear

Para analisar os contributos do ajustamento diádico e das crenças sobre legitimação da violência para a prevalência dos comportamentos violentos utilizou-se a regressão linear (Anexo O). Seguiu-se uma estratégia similar para a análise das relações de prevalência de comportamentos violentos e das crenças legitimadoras da violência com a satisfação na relação (Anexo P).

Tabela 10

*Coefficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das dimensões do ajustamento diádico, das crenças legitimadoras de violência sobre a prevalência de comportamentos violentos*

	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados	<i>t</i>	Sig.
	B	Erro padrão	Beta		
	IVC_Média				
Constante	1.56	.14		11.09	.000
DAS_Consenso	<b>-.07</b>	<b>.03</b>	<b>-.28</b>	<b>-2.30</b>	<b>.024</b>
DAS_Satisfação	<b>-.06</b>	<b>.02</b>	<b>-.29</b>	<b>-2.50</b>	<b>.015</b>
DAS_Coesão	.02	.02	.13	1.08	.285
ECVC_LBPV	<b>.14</b>	<b>.05</b>	<b>.47</b>	<b>3.01</b>	<b>.004</b>
ECVC_LVC	<b>-.11</b>	<b>.05</b>	<b>-.31</b>	<b>-2.30</b>	<b>.024</b>
ECVC_ACE	.01	.04	.02	.13	.894

$R^2 = .296$ ;  $R^2$  ajustado = .241;  $F(6,77) = 5.444$ ;  $p = .000$

Nota: IVC – Inventário de Violência Conjugal, DAS – Escala de Ajustamento Diádico, ECVC – Escala de Crenças sobre Violência Conjugal, LBPV – Legitimação e Banalização da Pequena Violência, LVC – Legitimação pela Conduta do Parceiro, ACE – Atribuição à Causas Externas

Como se pode observar na Tabela 10, o ajustamento diádico relativo ao consenso no relacionamento amoroso encontra-se associado negativamente ao índice de violência total na relação. Deste modo, maior nível de consenso entre o casal relaciona-se com uma menor violência entre os parceiros. Em relação à satisfação do ajustamento diádico nas relações românticas, observa-se que esta está relacionada de forma negativa com o índice de violência

conjugal total. Neste sentido, verifica-se que a presença de uma maior satisfação na relação está associada a um menor índice de violência na relação. Denota-se que o ajustamento diádico relativo à coesão não se associa com o índice de violência nos relacionamentos.

Relativamente à crença da violência conjugal referente à legitimação e banalização da pequena violência, esta encontra-se associada de forma positiva ao índice de violência total nas relações românticas. Isto é, quanto maior o grau de legitimação e banalização da pequena da violência, mais elevado é o índice de violência conjugal total. Referente à legitimação pela conduta do(a) parceiro(a), existe associação negativa com o índice de violência conjugal total. Não sendo esperado, a legitimação pela conduta afeta negativamente o índice de violência, ou seja, maior legitimação pela conduta do(a) parceiro(a) associa-se a um menor índice de violência conjugal total. Observa-se que a atribuição a causas externas acerca das crenças sobre a violência conjugal não se relaciona com o índice de violência total nas relações.

Evidencia-se que as crenças acerca da violência contribuem significativamente para explicar a prevalência de comportamentos violentos. Destaca-se primeiramente a legitimação e banalização da pequena violência que mais fortemente se associa e que melhor explica o índice de violência conjugal total. Seguindo-se a legitimação da violência pela conduta do(a) parceiro(a) e as dimensões satisfação e consenso do ajustamento diádico.

Tabela 11

*Coefficientes de regressão estandardizados e não estandardizados para a regressão das crenças legitimadoras da violência, da prevalência de comportamentos violentos sobre as dimensões do ajustamento diádico*

	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		t	Sig.
	B	Erro padrão	Beta			
	DAS_Satisfação					
Constante	4.33	1.23			3.53	.001
ECVC_LBPV	-.32	.30	-.20		-1.04	.300
ECVC_LVC	.07	.29	.04		.24	.812
ECVC_ACE	.17	.21	.11		.84	.405
IVC_MausTratosFísicos	.79	.56	.23		1.42	.159
IVC_MausTratosFísicosSeveros	2.31	1.57	.22		1.48	.144
IVC_MausTratosEmocionais	<b>-2.47</b>	<b>.48</b>	<b>-.74</b>		<b>-5.19</b>	<b>.000</b>

$R^2 = .312$ ;  $R^2$  ajustado = .259;  $F(6,78) = 5.885$ ;  $p=.000$

Nota: DAS – Escala de Ajustamento Diádico, ECVC – Escala de Crenças sobre Violência Conjugal, LBPV – Legitimação e Banalização da Pequena Violência, LVC – Legitimação pela Conduta do Parceiro, ACE – Atribuição à Causas Externas, IVC – Inventário de Violência Conjugal

Relativamente à Tabela 11, observa-se que as dimensões referentes às crenças da violência conjugal não se relacionam com a dimensão satisfação do ajustamento diádico nas relações amorosas.

Concernente às dimensões da violência conjugal relativas aos maus tratos físicos e aos maus tratos físicos severos não se verifica associação em relação à satisfação do ajustamento diádico nos relacionamentos amorosos. Verifica-se que a associação existente ocorre entre os maus tratos emocionais e a satisfação do ajustamento diádico. Os maus tratos emocionais afetam negativamente a satisfação do ajustamento diádico. Isto é, uma maior prevalência de maus tratos emocionais nas relações íntimas está associada a um menor índice de satisfação no ajustamento diádico.

## **Discussão**

A violência nas relações de intimidade tem vindo a radicar a sua pertinência devido ao seu impacto sobre a saúde pública, tal como hoje é tratado o crime de violência doméstica. As díspares formas de violência perpetrada, entre outras consequências graves, resultaram em mais de 1 milhão de mortes no mundo (OMS, 2014). Neste sentido, versar a violência nas relações íntimas homossexuais é importante quer para o combate da minimização marcada no presente, quer para o desenvolvimento e promoção de respostas adaptadas também para esta população. Este percurso tem sido concretizado e investigações vêm sendo conduzidas ao tratamento desta problemática na comunidade LGBT.

Para compreender a dinâmica relacional, nota-se que paulatinamente o entendimento sobre as suas diversas componentes têm vindo a ser alteradas conforme as ideias, convicções e princípios filosóficos, sociais e políticos da época, tal como ocorre com a satisfação com a relação (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004). Neste sentido, a satisfação conjugal influencia a individualidade e o modelo de relação social de cada pessoa (Minuchin, 1990 cit. por Lima, 2010). Nesta sequência, também as distorções cognitivas e as crenças legitimadoras da violência influem sobre os sujeitos, e surgem como fatores de risco para a perpetração e/ou aceitação de comportamentos violentos. As interpretações desajustadas resultam em consequências emocionais e comportamentais que podem ser potenciadoras desta conduta (Couto, 2013). Considerando a temática desta investigação, é igualmente adequado falar sobre o fenómeno universal que é o amor (Feybesse, Hatfield & Neto, 2013). A história de cada pessoa, edificada nas vivências afetivas, indica como este

deve surgir, desenvolver e existir nos relacionamentos (Sternberg, 1996). O amor apaixonado remete para o complexo funcional refletido na estimativa ou apreciações, nos sentimentos subjetivos, nos processos fisiológicos padronizados, na tendência para a ação e nos comportamentos instrumentais (Hatfield & Sprecher, 2009, cit. por Feybesse, Neto & Hatfield, 2011; Hatfield & Sprecher, 1986). Como forma de conhecer a relação entre a violência, a legitimação desta, o amor apaixonado e a satisfação não relacionamento íntimo, bem como as diferenças das mesmas em função do sexo, foram formuladas cinco hipóteses e três questões de investigação.

Acerca da primeira hipótese apresentada, era esperado que o grau de ajustamento diádico variasse em função do sexo. Os resultados deste estudo mostram que o grau de ajustamento diádico relativo ao consenso e à coesão são díspares entre homens e mulheres, confirmando a hipótese formulada. Em ambas dimensões, as mulheres apresentam níveis superiores relativamente aos homens. Todavia, excetua-se o ajustamento diádico associado à satisfação, que não varia em função do sexo, o que conduz à não confirmação da hipótese para esta dimensão. Observa-se que homens e mulheres apresentam elevado ajustamento diádico na relação amorosa, porém, as mulheres apresentam maior ajustamento comparativamente aos homens. Apesar dos poucos estudos que versam o ajustamento diádico em parceiros íntimos homossexuais em função do sexo, encontra-se em conformidade com estes resultados acerca da dimensão coesão, o estudo de Costa, Pereira e Leal (2011) que evidenciou que os casais homossexuais femininos apresentam níveis superiores de coesão comparativamente aos casais masculinos. Também, Mendes e Pereira (2013) no estudo que realizaram, evidenciaram que mais de metade dos inquiridos apresentou elevados níveis de ajustamento conjugal, não se tendo observado diferenças nesta variável entre casais heterossexuais e homossexuais.

No que concerne às crenças legitimadoras da violência conjugal, a hipótese é confirmada devido à existência de diferenças entre homens e mulheres. Verificou-se que os homens apresentam maior legitimação de violência nos relacionamentos íntimos do que as mulheres. Todavia, ainda que haja maior legitimação de violência por parte dos homens, os valores obtidos neste estudo são baixos. A propósito das diferenças entre o sexo masculino e o sexo feminino na legitimação da violência, verificou-se em investigações anteriores que os homens apresentaram níveis superiores de legitimação de violência nas relações de intimidade relativamente às mulheres (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

Relativo à prevalência de comportamentos violentos, a hipótese não é confirmada pois não existem diferenças entre os indivíduos do sexo masculino e do sexo masculino face a perpetração de violência. Evidencia-se que o número de comportamentos de violência conjugal é baixo, como mostram os resultados deste estudo. O reduzido número de estudos conduz ao receio de estimar a prevalência de comportamentos violentos nas relações de intimidade entre casais do mesmo sexo. No entanto, os resultados encontrados por Costa, Machado e Antunes (2009) mostraram que a prevalência de violência nas relações amorosas homossexuais femininas é superior à ocorrência de violência nas relações homossexuais masculinas. Alusivo à baixa prevalência de violência, encontra-se congruência com o estudo de Frankland e Brown (2014) sobre os padrões de violência e o controlo na violência doméstica nas relações de intimidade homossexuais. Na referida investigação foi evidenciado que mais de metade dos inquiridos não tinha experienciado comportamentos agressivos e/ou controladores.

No que concerne à prevalência de violência e a satisfação na relação, era esperado que os indivíduos que apresentassem maior índice de comportamentos agressivos sofridos experienciassem menor grau de satisfação. Os resultados encontrados no presente estudo indicam que uma elevada prevalência de violência sofrida está associada a um menor nível de satisfação, o que confirma a hipótese formulada. Os resultados mostram que existe uma associação moderada entre os maus tratos emocionais, e entre o índice de violência conjugal total com a satisfação. Relativo aos maus tratos físicos e aos maus tratos físicos severos, não se verificou nenhuma associação. Observou-se que um ajustamento diádico referente à satisfação está associado à prevalência de maus tratos emocionais e à predominância de comportamentos violentos total, ou seja, um elevado número de maus tratos sofridos relaciona-se com um baixo índice de satisfação baixo. Todavia, não existe associação entre a satisfação e os maus tratos físicos nem com os maus tratos físicos severos, não sendo a hipótese é confirmada para estas dimensões. Dentre as variáveis que explicam o grau de satisfação na relação, evidenciam-se os maus tratos emocionais por ser a dimensão que melhor explica o baixo índice de satisfação no relacionamento, dado que se encontram mais fortemente associados. Na investigação de Ulloa e Hammett (2015), não foi encontrada associação significativa entre a perpetração de violência e a satisfação. Porém, observou-se que índices mais altos de perpetração de violência nas relações de intimidade estão relacionados a uma maior satisfação para as mulheres, sendo que para os homens a associação entre aumentos da perpetração e satisfação não foi significativa. Por fim, e para ambos,

indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino, constatou-se que aumentos na vitimação estão relacionados com uma satisfação mais baixa, o que corrobora a hipótese formulada.

Acerca da relação entre a legitimação da violência nas relações românticas e o índice de violência, esperava-se que a elevada legitimação de violência fosse preditora de maior prevalência de comportamentos violentos nas relações íntimas. Os resultados do presente estudo evidenciaram uma associação forte entre a legitimação e banalização da pequena violência e os maus tratos físicos; uma associação moderada entre as crenças sobre legitimação da violência pela conduta do(a) parceiro(a), a atribuição a causas externas e as crenças sobre violência conjugal total e os maus tratos físicos. Verificou-se uma associação moderada entre as crenças sobre violência conjugal total e as suas dimensões e os maus tratos físicos severos. Acerca das crenças sobre violência conjugal total e as suas dimensões e os maus tratos emocionais, existe uma associação moderada. A associação entre as crenças sobre violência conjugal total e as suas dimensões e o índice de violência conjugal total é moderada. Verifica-se que maior legitimação e banalização da pequena violência está associada aos elevados índices de comportamentos violentos. Os resultados evidenciaram que maior legitimação pela conduta do(a) parceiro(a) está associada a baixos índices de violência conjugal total, o que não era esperado. No entanto, não se verifica associação entre a atribuição a causas externas e a violência conjugal total. Assim sendo, a hipótese é confirmada para a dimensão legitimação e banalização da pequena violência, não sendo confirmada para a dimensão legitimação da violência pela conduta do(a) parceiro(a) e para a dimensão atribuição a causas externas. Observa-se que a variável que melhor explica o elevado índice de comportamentos violentos é a legitimação e banalização da pequena violência. No que concerne à prevalência de violência nas relações românticas e à legitimação desta, surgem associadas as normas tradicionais sobre os papéis de género. Estas crenças também podem estar presentes nas díades homossexuais, tal como foi observado no estudo de Oringher e Samuelson (2011), em que os resultados mostraram que as normas masculinas tradicionais (e.g., agressividade, supressão de vulnerabilidade emocional) surgem como preditor significativo para a passagem ao ato de comportamentos violentos. Na investigação de Seelau e Seelau (2005), o sexo da vítima apresentou-se como fator preditor da violência mais forte em detrimento da orientação sexual; da mesma forma, os resultados mostraram que os sujeitos do sexo masculino apresentam grau de capacidade elevado para praticar comportamentos de violência; ainda, foi evidenciado que indivíduos do sexo feminino eram mais propensos para serem vítimas de ferimentos graves devido aos estereótipos dos papéis de género.

Alusivo às questões de investigação sobre o amor apaixonado nos relacionamentos íntimos homossexuais, verificou-se que o índice de amor apaixonado não difere entre casais masculinos e os casais femininos. Contudo, os resultados indicam que os homens e as mulheres apresentam níveis de amor apaixonado acima do valor médio da escala de medida utilizada. Estes resultados são consistentes com o estudo de Feybesse, Neto e Hatfield (2011), no qual não se verificaram diferenças significativas do índice de amor apaixonado.

No que respeita à prevalência de comportamentos violentos e ao amor apaixonado, esperava-se que o número de comportamentos de violência variasse em função do grau de amor apaixonado. No entanto, não se encontrou nenhuma relação e, deste modo, a hipótese não se confirma. Neste sentido, pode-se sugerir que os resultados não mostraram significância face ao amor apaixonado dos indivíduos e a prevalência de comportamentos violentos, devido ao baixo número destes comportamentos evidenciado nos resultados. Do mesmo modo, pode-se considerar a possibilidade de ter existido inibição nas repostas sobre a prática de comportamentos violentos, o que leva à impossibilidade de aferir esta relação.

Relativo ao amor apaixonado e a satisfação na relação amorosa, era esperado que o índice de amor apaixonado variasse em função do grau de satisfação. Porém, os resultados não mostram uma relação significativa entre estes e, deste modo, a hipótese não é confirmada. Uma vez que os resultados não mostraram uma associação significativa entre o amor apaixonado e a satisfação dos indivíduos na relação, parece que a impossibilidade de aferir esta relação pode estar relacionada ao número de sujeitos que não se encontravam numa relação aquando da aplicação dos instrumentos de recolha de dados, o que pode ter tido influência sobre o grau de amor apaixonado evidenciado nos resultados. Num estudo anterior, de Aron e Henkemeier (1995), sobre a satisfação conjugal aliada ao amor apaixonado e a outras variáveis mostrou-se uma associação moderada entre o amor apaixonado e a satisfação na relação para as mulheres; contudo, para os homens não foi verificada nenhuma correlação significativa. Para o presente estudo foi efetuada uma análise de correlação do amor apaixonado com o género dos participantes e verificou-se que os valores obtidos foram semelhantes, não sendo portanto significativos.

## **Conclusão**

A relação estabelecida entre duas pessoas envolve o que cada uma traz consigo da sua vivência e que estará em interação com o que o outro experienciou. Esta relação de intimidade

envolve, dentre outros, os constituintes do que é para cada um o modo de ser e estar com o outro. Assim, o entendimento sobre a violência, satisfação e amor na relação irá pautar os comportamentos e os ajustamentos no relacionamento. No entanto, pela imperativa necessidade de um entendimento comum acerca da prática do crime e da resposta a dar aos envolvidos, submete-se à sociedade e à época vivida as decisivas da justiça. Estudos têm vindo a aprofundar este fenómeno sob diferentes perspetivas e áreas de investigação visando a proteção da vítima e de terceiros envolvidos, e a proposta de solução a ser efetivada junto do agressor. A regulação da relação íntima, que anteriormente se cingia ao domínio privado, hoje é alvo dos mais diversos olhares.

Neste seguimento, como forma de melhor compreender as relações entre parceiros íntimos homossexuais nos dias de hoje e de incrementar a sua visibilidade, objetivou-se com esta investigação estudar as relações entre o ajustamento diádico, a intensidade do amor apaixonado, a prevalência de comportamentos violentos e as crenças legitimadoras de violência.

Ao analisar a relação das variáveis em estudo em função do sexo, destacaram-se níveis elevados de ajustamento diádico relativo ao consenso e à coesão para homens e mulheres. Porém, esta diferença não foi verificada relativamente à dimensão satisfação. Acerca da legitimação de violência constatou-se que o índice de crenças é baixo tanto para os homens como para as mulheres, ainda que os primeiros possuam mais crenças legitimadoras. Relativamente à prevalência de violência, para além de esta ser baixa, verificou-se que não existem diferenças entre os casais participantes. Sobre o amor apaixonado, homens e mulheres apresentaram níveis elevados.

De um modo geral, os resultados revelaram que o elevado índice de violência está associado a um menor grau de satisfação, tendo sido evidenciada maior influência dos maus tratos emocionais. Constatou-se que maior legitimação da violência relaciona-se com elevado índice de comportamentos violentos, tendo-se destacado para esta associação a legitimação e banalização da pequena violência. Referente ao amor apaixonado com a violência conjugal e com a satisfação no relacionamento, não foram verificadas associações significativas.

Como limitações da presente investigação surge o baixo número de estudos sobre a relação entre o amor apaixonado e a prevalência de comportamentos violentos, e entre o amor apaixonado e a satisfação na relação de intimidade. Para além desta, refere-se o número reduzido de participantes que não permite a generalização dos resultados obtidos e consequente dificuldade em conhecer a verdadeira dimensão desta problemática. Por fim, e uma vez que a temática aborda questões que podem envolver a deseabilidade social, é

possível ter ocorrido inibição de resposta sobre a perpetração ou vitimação de conduta violenta.

Sugere-se para investigações futuras, o estudo sobre as variáveis estudadas e a relação destas com outras, para tornar mais consistente a literatura existente neste contexto, especificamente na população portuguesa. Da mesma forma, efetua-los, alargando a amostra para possibilitar a universalização das conclusões. Para além disto, seria importante efetuar um estudo de cariz qualitativo simultaneamente com um quantitativo para viabilizar o entendimento em profundidade da dinâmica relacional na díade homossexual. Por último, e considerando que esta problemática afeta quer a esfera individual quer a social e pública, seria relevante o desenvolvimento ou adaptação e aprimoramento de programas para o tratamento e acompanhamento de vítimas e agressores da comunidade LGBT.

## Referências

- Ainsworth, M. D. S. & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychological Association*, 46 (4), 333-341
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. (1st ed.). New York: Erlbaum Associates.
- Alves, S. R. G. (2013). *Influência da vinculação no adulto na associação entre o ajustamento diádico e o ajustamento individual: Um estudo comparativo com casais com perturbação mental e casais da população geral*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra: Portugal.
- Alvim, F. (2006). Mulheres (in)visíveis. *Relatório da campanha acabar com a violência sobre as mulheres*. Amnistia Internacional.
- Anderson, A. L. (2014). *Intimate partner violence, mental health, and relationship adjustment: A dyadic analysis* (Tese de Doutoramento), Texas Tech University, Texas, United States.
- Andrade, A. P. S. (2012). *Violência Doméstica: Estudo da participação e opinião dos magistrados do departamento de investigação e ação penal do Porto* (Dissertação de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal).
- Andrade, A. L. & Garcia, A. (2009). Desenvolvimento de uma medida multidimensional para avaliação de qualidade em relacionamentos românticos – Aquarela-R. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25 (4), 634 – 643.
- Anjos, S. C. B. D. G. (2010). *Desesperança e agressividade na adolescência e qualidade de vinculação aos pais* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.
- APAV (2015). Estatísticas APAV. Relatório anual 2014. Lisboa: Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

- APAV. (2010). *Manual Alcipe - Para o atendimento de mulheres vítimas de violência* (2.<sup>a</sup> Eds.). Lisboa: Associação Portuguesa De Apoio à Vítima.
- Arias-Galicia, F. (1989). Una investigación sobre la escala de satisfação marital. *Revista Latino Americana de Psicologia*, 21 (3), 423-436.
- Aron, A. & Henkemever, L. (1995). Marital satisfaction and passionate love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12 (1), 139 – 146.
- Associação de Apoio à Vítima [APAV]. (2014). *Estatísticas APAV: Relatório anual 2013*. Lisboa: Associação de Apoio à Vítima.
- Baptista, A. C. C. C. (2012). *Estudo de caso de uma mulher sujeita a violência conjugal psicológica, com crenças de amor romântico e uma história de violência interparental* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.
- Barbosa, A. C. S. (2014). *Experiências adversas precoces, vinculação romântica e Experiências de violência entre jovens adultos* (Dissertação de Mestrado), Universidade Lusófona do Porto, Porto, Portugal.
- Beck, A. T. (1979). *Cognitive therapy of depression*. (2<sup>a</sup>ed.). Michigan: International Universities Press.
- Bowlby, J. (1990). *Formação e Rompimento dos Laços Afetivos*. (2<sup>a</sup>ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1983). *Attachment and loss, Vol. 1: Attachment*. (2<sup>nd</sup> ed.). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss, Vol. 2: Separation*. New York: Basic Books.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth.

*Developmental Psychology*, 28, 759-775.

- Brites, J. N. E. (2014). *A influência da vinculação nos estilos de amor em adultos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.
- Bystronski, B. (1995). *Teorias e processos psicossociais da intimidade interpessoal*.  
In Andrade, A. L., Garcia, A. & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos, *Psicologia: teoria e prática*, (p. 143 – 156).
- Brown, C. (2008). Gender role implications on same-sex intimate partner abuse. *Spring Science*, 23, 457 – 462.
- Brown, M. J. & Groscup, J. (2008). Perceptions of same-sex domestic violence among crisis center staff. *Journal of Family Violence*, 24 (2), 87 – 93. doi: 10.1007/s10896-008-9212-5
- Bucher, J. S. N. F. (1996). Vínculo conjugal: Da união à separação e o controle mútuo do destino. *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal. Coletâneas da Anpepp*, (1), 59 – 70.
- CIG (2015). *Violência Doméstica - 2014. Relatório anual de monitorização*. Lisboa: Ministério da Administração Interna
- Chisholm, J. S. (1996)- The evolutionary ecology of attachment organization. *Human Nature*, 7 (1), 1 – 38.
- Canavarro, M. C., Dias, P. & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Interview Scale-R (AAS-R) na População Portuguesa. *Psicologia*, 20 (1), 155-185.
- Cardoso, J. & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica* 4 (31), 393-406.

- Carvalho, A. F., Lewis, R. J., Derlega, V. J., Winstead, B. A. & Viggiano, C. (2011). Internalized sexual minority stressors and same-sex intimate partner violence, *Journal of Family Violence*, 26 (7), 501 – 509.
- Collins, W. A. & Sroufe, L. A. (1990). Capacity for intimate relationships: A developmental construction. In W. Furman, B. B. Brown & C. Feiring (Eds). *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 125-147). New York: Cambridge University Press.
- Correia, L. (2012). *Violência doméstica: quando em lugar do afecto surge a agressão*. (Dissertação de Mestrado) Instituto, Politécnico de Viseu, Viseu, Portugal).
- Corsini, R. J. (1956). Understanding and similarity in marriage. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 52 (3), 327 – 332. doi: 10.1037/h0043556.
- Costa, A. I. C. (2013). *A saúde mental de agressores conjugais fatores de risco* (Dissertação de Mestrado). Universidade da Beira Interior, Beira Interior, Portugal.
- Costa, P. A., Pereira, H. & Leal, I. (2011). Desenvolvimento da Escala Revista de Ajustamento Diádico (RDAS) com Casais do Mesmo Sexo, 1231 – 1238.
- Costa, L., Machado, C. & Antunes, R. (2009). *Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade*. Braga: Fundação para a Ciência e Tecnologia
- Couto, J. M. (2013). *Crenças, distorções cognitivas e violência em relações de namoro* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Almada, Portugal).
- Direção Geral de Saúde [DGS] (2014). *Violência interpessoal. Abordagem, diagnóstico e intervenção nos serviços de saúde*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde.
- Eaton, L., Kaufman, M., Furhel, A., Cain, D., Cherry, C., Pope, H. &

- Kalichman, S. C. (2008). Examining factors co-existing with interpersonal violence in lesbian relationships, *Journal Family Violence*, 23, 697 – 705.
- Edwards, K. M., Sylaska, K. M. e Neal, A. M. (2015). Partner violence among sexual minority populations: A critical review of the literature and agenda for future research. *Psychology of Violence*, 5 (2), 112 – 121.
- Faro, P. R. (2012). *Representações das vítimas de violência doméstica sobre o Sistema de Justiça Criminal* (Dissertação de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- Feio, J. F. D. (2012). *Depressão, vinculação e relações amorosas de pessoas em luto* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.
- Félix, D. (2012). Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: *Um estudo exploratório*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Fernandes, J. A. G. (2014). *As crenças dos profissionais das Forças de Segurança sobre a violência doméstica* (Dissertação de Mestrado), Instituto Politécnico de Viseu, Viseu, Portugal.
- Feybesse, C., Harfield, E. & Neto, F. (2013). Medindo o amor apaixonado. In D. Bartholomeu, J. Montiel, F. Miguel, & L. Carvalho, J. Bueno (Organizadores), *Atualização em avaliação e tratamento das emoções* (pp. 143-166). São Paulo: Editora Psico-Pedagógica Ltda.
- Feybesse, C., Neto, F. & Harfield, E. (2011). Adaptação da Escala de Amor Apaixonado da população portuguesa (EAA). *Psicologia, Educação e Cultura*, 15 (1), 161 – 180.
- Ficham, F. D. & Brandbury, T. N. (1987). The assessment of marital quality: a reevaluation. *journal of marriage and the family*, 49, 797 – 809.

- Fisher, H. (2004). *Why we love: The nature and the chemistry of romantic love*. New York: Henry Holt.
- Fiske, S., & Taylor, S. (1991). *Social cognition* (2ª Eds.). New York: McGraw-Hill, Inc.
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A. & Thomas, G. (2000). The measurement of perceived relationship quality components: a confirmatory factor analytic approach. *Personality and Social Psychology, Inc*, 26 (3), 340 – 354.
- Fonseca, D. H., Ribeiro, C. G., Leal, N. S. B. (2012). Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia e Sociedade*, 24 (2), 307-314.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4 (2), 132-154. doi: 10.1037/1089-2680.4.2.132.
- Franceschi, P. (2007). Complements to a theory of cognitive distortions. *Journal de Thérapie Comportamentale et Cognitive*, 17 (2), 84 – 88.
- Frankland, A. & Brown, J. (2014). Coercive Control in same-sex intimate partner, *Journal Family Violence*, 29, 15 – 22.
- George, C., & Solomon, J. (1999). Attachment and caregiving: The caregiving behavioural system. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 649-670). New York: Guilford Press
- Gomez, R. & Leal, I. (2008). Ajustamento conjugal: características psicométricas da versão portuguesa da Dyadic Adjustment Scale. *Análise Psicológica*, 4 (26), 625 – 638.
- Gottman, J. M., Levenson, R. W., Gross, J., Frederickson, B. L., McCoy, K., Ruef, A. & Yoshimoto, D. (2003). Correlates of gay and lesbian couples' relationship satisfaction and relationship dissolution. *Journal of Homosexuality*, 45 (1), 23 – 43.

- Hatfield, E., Pillemer, J. T., O'Brien, M. U. & Le, Y. L. (2008). The endurance of love: Passionate and companionate love in newlywed and long-term marriages. *Interpersona: An International Journal of Personal Relationships*, 2, 35 – 64.
- Hatfield, E. & Rapson, R. L. (1994). Love and Intimacy. *Enciclopedia of Mental Helth*, 2, 583 – 592. New York: Academic Press.
- Hatfield, E. & Sprecher, S. (1986). Measuring passionate love in intimate relationships. *Journal of Adolescence*, 9, 383 – 410.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 336-354). New York: The Guilford Press.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5 (1), 1-22. doi: 10.1207/s15327965pli0501\_1.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524.
- Hendrick, C. & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50 (2), 392 – 402.
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1997). Love and satisfaction. In R. J. Sternberg & M. Hojjat (Eds.) *Satisfaction in close relationships*. (pp. 56 – 78). New York: Guilford Press.
- Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Esudo*, 13 (3), 593 – 601.
- Johnson, D. R. & Booth, A. (1998). Marital quality: A product of the dyadic environment or individual factors? *Social Forces*, 76 (3), 883 – 904.

- Kirkpatrick, L. A. & Davis, K. E. (1994). Attachment style, gender, and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66 (3), 502-512. doi: 10.1037/0022-3514.66.3.502.
- Krug, E. G. & Dahlberg, L. L. (2007). Violência: Um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2, 1163-1178.
- Kurdek, L. A. (2005). What do we know about gay and lesbian couples?. *American Psychological Society*, 14 (5), 251 – 254.
- Kurdek, L.A. (2001). Differences between heterosexual-nonparent couples and gay, lesbian, and heterosexual-parent couples. *Journal of Family Issues*, 22, 727 – 754.
- Laurenceau, J-P., Barrett, L. F. & Rovine, M. J. (2005). The interpersonal process model of intimacy in marriage: A daily-diary and multilevel modeling approach. *Journal of Family Psychology*, 19 (2), 314 – 323.
- Lei 112/2009 de 16 de Setembro de 2009. *Diário da República*, n.º 180 – I Série – 16 de Setembro de 2009.
- Lima, R. A. (2010). *O teste do desenho do casal no diagnóstico da satisfação conjugal* (Tese de Doutoramento) Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Lima, V., Vieira, F. & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: Avaliação da representação da intimidade e da interação conjugal. *Psicologia*. 20 (1), 51- 63.
- Lopes, B. S. N. (2012). *Um olhar sobre as relações amorosas: Satisfação conjugal, Intimidade e Satisfação Sexual* (Dissertação de Mestrado), Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal.
- Machado, C., Matos, M. & Gonçalves, M. M. (2006). *Manual da Escala de Crenças Sobre Violência Conjugal (E.C.V.C.) e do Inventário de Violência Conjugal (I.V.C.)* (2ªEds.). Braga: Psiquilíbrios

- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50, 66–104.
- Manita, C., Ribeiro, C. & Peixoto, C. (2009). *Violência doméstica: Compreender para intervir*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Manual Alcipe (2010). Para o atendimento de mulheres vítimas de violência. (2.ªEds.) Açores: APAV.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S. & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8 (1), 55 – 75.
- Mayo, A. S. (2007). *O amor é uma história: Satisfação e complementaridade de papéis no relacionamento conjugal* (Tese de Doutoramento) Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Mazerrati, D., Akiskal, H., Rossi, A. & Cassano, G. B. (1999). Alteration of the platelet serotonin transporter in romantic love. *Psychological Medicine*, 29, 741-745.
- McKenry, P. C., Serovich, J. M., Manson, T. L. & Mosack, K. (2006). Perpetration of gay and lesbian partner violence: A disempowerment perspective, *Journal Family Violence*, 21, 233 – 243.
- Mendes, F. C. S. & Pereira, H. M. (2013). Monogamia e ajustamento conjugal: Estudo entre casais do mesmo sexo e casais de sexo diferente. *Psychology, Community & Health*, 2 (1), 28 – 42.
- Merrill, G. (1998). Understanding domestic violence among gay and bisexual men. In R. Bergen (Ed.), *Issues in intimate violence* (p. 129-141). California: Sage Publications.

- Merrill, G. & Wolfe, V. A. (2000). Battered gay men: An exploration of abuse, help seeking, and why they stay. *Journal of Homosexuality*, 39 (2), 1-30.
- Mendes, E. & Cláudio, V. (2010). Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica. In Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho. p. 3219 - 3230.
- Miranda, E. S. (1987). Satisfação conjugal e aspectos relacionados: A influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 39 (3), 96 – 107.
- Mosmann, C., Wagner, A. & Féres-Carneiro (2006). Qualidade conjugal: Mapeando conceitos. *Paidéia*, 16 (35), 315 – 325.
- National Coalition of Anti-Violence Programs (2007). *Lesbian, gay, bisexual and transgender domestic violence in the United States in 2006. A Report of the National Coalition of Anti-Violence Programs*. New York: National Coalition of Anti-Violence Programs.
- Nascimento, F. A. & Chacon, S. S. (2009). O segundo armário. Análise da violência doméstica entre casais homossexuais. *XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires*.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, Hammerschmidt, H. & Shalin, S. (2004). *Estudos de Psicologia*, 9 (3), 575 – 584.
- OMS (2014). Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência 2014. São Paulo.
- Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2002). Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. Genebra: Organização Mundial de Saúde.
- Oringher, J. & Samuelson, K. W. (2011). Intimate partner violence and the role of masculinity in male same-sex relationships, *Traumatology*, 17 (2), 68 – 74.

- Paim, J. (2006). Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica. Seminário de Capacitação para juízes, procuradores, promotores, advogados e delegados no Brasil. Brasília.
- Parterson, C. J. (2000). Family relationships of lesbians and gay men. *Journal of Marriage and Family*, 62, 1052 – 1069.
- Pertnoy, L. D. (2012). Same violence, same sex, different standard: An examination of same-sex domestic violence and the use of expert testimony on battered woman's syndrome in same-sex domestic violence cases. *St. Thomas Law Review*, 24, 544 – 568.
- Quaresma, C. (2012). Violência doméstica: *Da participação da ocorrência à investigação criminal*. Lisboa: Direção da Administração Interna.
- Redondo, J., Pimentel, I. & Correia, A. (2012). Manual SARAR. *Uma proposta de Manual para profissionais de saúde na área da violência familiar/entre parceiros íntimos*. Coimbra: Serviço de Violência Familiar do Hospital Sobral Cid.
- Regan, P. (2008). General theories of love. the mating game: A primer on love, sex, and marriage. (1ªed.). Califronia, USA. *Sage Publications, Inc.*
- Ribeiro, V. A. G. (2015). *Estilos de vinculação e níveis de pensamento criativo na idade adulta* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, Lisboa, Portugal.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Psychology and Social Psychology*, 16 (2), 265 – 273.
- Santos, A. C. (2012). Entre duas mulheres isso não acontece? – Um estudo exploratório sobre violência conjugal lésbica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 98, 3 – 24.
- Seelau, S. M. & Seelau, E. P. (2005). Gender-Role stereotypes and perceptions of heterosexual, *Journal Family Violence*, 20 (6), 363 – 371.

- Shackelford, T., K. & Buss, D., BM. (1997). Marital satisfaction in evolutionary psychological perspective. In R. J. Stenberg & M. Hojjat (Eds.). *Satisfaction in close relationship*, (pp. 7 – 25). New York: Guildford Press.
- Soares, I. (2007). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento. Teoria e avaliação*. (1ªed.). Braga: Psiquilibrios.
- Soares, I. (1996). Vinculação: Questões teóricas, investigação e implicações clínicas. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 11, 35-71.
- Soares, M. & Cláudio, V. (2010). Crenças e atitudes sobre a violência doméstica e satisfação com o suporte social em sujeitos adictos e não-adictos. In C. Nogueira, *et al.* (Eds.), *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, (pp. 3231-3245). Braga: Universidade do Minho.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38 (1), 15 – 28.
- Sternberg, R. J. (1996). Love stories. *Personal Relationships*, 3 (1), 59 – 79.
- Sternberg, S. (1979). Memory-Scanning: Mental process revealed by reaction-time experiments. *American Scientist*, 57 (4), 421 – 457.
- Thompson, R. A. & Raikes, H. A. (2003). Toward the next quarter-century: Conceptual and methodological challenges. *Development and Psychopathology*, 15 (3), 691-718. doi: 10.1017/S0954579403000348.
- Topa, M. H. C. P. (2009). *Violência doméstica em casais homossexuais: Das representações sociais dos profissionais que trabalham com vítimas à vivência das vítimas*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Ulloa, E. C. & Hammett, J. F. (2015). Temporal changes in intimate partner violence and relationship satisfaction. *Journal of Family Violence*, 30 (8), 1093 – 1102.

- Ventura, M. C. A. A., Frederico-Ferreira, M., Magalhães M. J. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: Crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista De Enfermagem Referência*. 11, 95-103. doi: 10.12707/RIII12120
- Vieira, F. E. M. (2008). *Avaliação da representação das relações íntimas, comportamento diádico e percepção da vinculação: Estudo exploratório*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Minho, Portugal.
- Villa, M. B. (2005). *Habilidades sociais no casamento avaliação e contribuição para a satisfação conjugal* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L., Cruz, R. M., Faggiani, R. B. & Natividade, J. C. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF*, 13 (1), 11 – 18.
- Weiss, R. S. (1982). Attachment in adult life. In C. M. Parkes, & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The Place of Attachment in Human Behavior* (pp. 171-184). New York: Basic Books.

## **Anexos**

**Anexo A – Análise descritiva do sexo**

<b>Sexo</b>				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Masculino	51	38,9	38,9	38,9
Feminino	80	61,1	61,1	100,0
Total	131	100,0	100,0	

**Anexo B – Análise descritiva da idade**

<b>Idade</b>				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 18	11	8,4	8,4	8,4
19	7	5,3	5,3	13,7
20	5	3,8	3,8	17,6
21	5	3,8	3,8	21,4
22	19	14,5	14,5	35,9
23	10	7,6	7,6	43,5
24	9	6,9	6,9	50,4
25	10	7,6	7,6	58,0
26	10	7,6	7,6	65,6
27	5	3,8	3,8	69,5
28	9	6,9	6,9	76,3
29	4	3,1	3,1	79,4
30	6	4,6	4,6	84,0
31	6	4,6	4,6	88,5
32	3	2,3	2,3	90,8
33	4	3,1	3,1	93,9
35	2	1,5	1,5	95,4
37	2	1,5	1,5	96,9
40	2	1,5	1,5	98,5
47	1	,8	,8	99,2
48	1	,8	,8	100,0
Total	131	100,0	100,0	

**Anexo C – Análise descritiva da orientação sexual**

**Orientação Sexual**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Homossexual	100	76,3	76,3	76,3
Valid Bissexual	31	23,7	23,7	100,0
Total	131	100,0	100,0	

**Anexo D – Análise descritiva do comprometimento numa relação íntima**

**Encontra atualmente numa relação romântica e comprometida?**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Sim	82	62,6	62,6	62,6
Valid Não	49	37,4	37,4	100,0
Total	131	100,0	100,0	

**Anexo E – Análise descritiva do estado civil**

**Estado Civil**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Solteiro(a)	107	81,7	81,7	81,7
Casado(a)	10	7,6	7,6	89,3
Valid União de Facto	12	9,2	9,2	98,5
Divorciado(a)/Separado(a)	2	1,5	1,5	100,0
Total	131	100,0	100,0	

**Anexo F – Análise descritiva da duração da relação**

**Duração da relação**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1	6	4,6	7,3	7,3
2	3	2,3	3,7	11,0
3	4	3,1	4,9	15,9
4	2	1,5	2,4	18,3
5	2	1,5	2,4	20,7
6	7	5,3	8,5	29,3

7	1	,8	1,2	30,5
8	2	1,5	2,4	32,9
9	2	1,5	2,4	35,4
10	2	1,5	2,4	37,8
11	1	,8	1,2	39,0
12	3	2,3	3,7	42,7
13	3	2,3	3,7	46,3
14	2	1,5	2,4	48,8
15	2	1,5	2,4	51,2
16	2	1,5	2,4	53,7
17	2	1,5	2,4	56,1
18	1	,8	1,2	57,3
19	3	2,3	3,7	61,0
20	1	,8	1,2	62,2
21	1	,8	1,2	63,4
23	1	,8	1,2	64,6
24	3	2,3	3,7	68,3
26	2	1,5	2,4	70,7
27	1	,8	1,2	72,0
29	2	1,5	2,4	74,4
30	1	,8	1,2	75,6
35	1	,8	1,2	76,8
36	3	2,3	3,7	80,5
38	1	,8	1,2	81,7
39	2	1,5	2,4	84,1
48	2	1,5	2,4	86,6
50	1	,8	1,2	87,8
60	1	,8	1,2	89,0
72	3	2,3	3,7	92,7
75	1	,8	1,2	93,9
84	1	,8	1,2	95,1
92	1	,8	1,2	96,3
96	1	,8	1,2	97,6
132	1	,8	1,2	98,8
144	1	,8	1,2	100,0
Total	82	62,6	100,0	
Missing System	49	37,4		
Total	131	100,0		

**Anexo G** – Análise descritiva das separações/reconciliações das relações românticas

**Separações/reconciliações?**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	74	56,5	56,5	56,5
Não	57	43,5	43,5	100,0
Total	131	100,0	100,0	

**Anexo H** – Análise descritiva das habilitações literárias

**Habilitações Literárias**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1º Ciclo do Ensino Básico	3	2,3	2,3	2,3
2º Ciclo do Ensino Básico	4	3,1	3,1	5,3
3º Ciclo do Ensino Básico	15	11,5	11,5	16,8
Ensino Secundário	33	25,2	25,2	42,0
Curso Tecnológico/Profissional/O	21	16,0	16,0	58,0
Valid utros				
Bacharelato	8	6,1	6,1	64,1
Licenciatura	28	21,4	21,4	85,5
Pós-Graduação	6	4,6	4,6	90,1
Mestrado	12	9,2	9,2	99,2
Doutouramento	1	,8	,8	100,0
Total	131	100,0	100,0	

**Anexo I** – Análise descritiva área de residência

**Residência**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Alemanha	1	,8	,8	,8
Brasil	31	23,7	23,7	24,4
Espanha	1	,8	,8	25,2
Valid Itália	1	,8	,8	26,0
Portugal	96	73,3	73,3	99,2
UK	1	,8	,8	100,0
Total	131	100,0	100,0	

**Anexo J – Médias e Desvios-padrão do ajustamento diádico**

Group Statistics					
	Sexo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
DAS_Consenso	Masculino	33	4,5657	,83431	,14523
	Feminino	63	5,1164	,69602	,08769
DAS_Satisfação	Masculino	33	4,3561	1,05518	,18368
	Feminino	63	4,5952	,90410	,11391
DAS_Coesão	Masculino	32	3,8073	1,44065	,25467
	Feminino	63	4,7579	1,27631	,16080

**Anexo K – Médias e Desvios-padrão do índice de amor apaixonado**

Group Statistics					
	Sexo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
EAA_Média	Masculino	37	6,3946	1,29036	,21213
	Feminino	66	6,5929	1,47921	,18208

**Anexo L – Médias e Desvios-padrão das crenças sobre violência conjugal**

Group Statistics					
	Sexo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
ECVC_total	Masculino	38	1.7041	.75164	.12193
	Feminino	58	1.4531	.45434	.05966

**Anexo M – Médias e Desvios-padrão do índice de violência conjugal**

Group Statistics					
	Sexo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
IVC_Média	Masculino	51	1,1326	,30272	,04239
	Feminino	80	1,1381	,22548	,02521

## Anexo N – Correlações de Pearson

		Correlations											
		DAS_Consenso	DAS_Satisfação	DAS_Coesão	EAA_Média	ECVC_LBPV	ECVC_LVC	ECVC_ACE	ECVC_total	IVC_MausTratosFísicos	IVC_MausTratosSeveros	IVC_MausTratosEmocionais	IVC_Média
DAS_Consenso	Pearson Correlation	1	,399**	,461**	-,085	,015	-,114	-,094	-,070	-,008	-,236*	-,317**	-,318**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,419	,889	,300	,391	,525	,935	,020	,002	,002
	N	96	96	95	92	85	85	85	85	96	96	96	96
DAS_Satisfação	Pearson Correlation	,399**	1	,401**	-,149	-,187	-,144	-,032	-,141	-,141	-,163	-,444**	-,376**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,156	,087	,188	,774	,198	,172	,112	,000	,000
	N	96	96	95	92	85	85	85	85	96	96	96	96
DAS_Coesão	Pearson Correlation	,461**	,401**	1	,074	-,268*	-,203	-,134	-,238*	-,069	-,072	-,209*	-,184
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,488	,014	,064	,223	,030	,504	,490	,042	,075
	N	95	95	95	91	84	84	84	84	95	95	95	95
EAA_Média	Pearson Correlation	-,085	-,149	,074	1	,012	-,001	-,027	-,006	-,019	-,053	,047	,034
	Sig. (2-tailed)	,419	,156	,488		,914	,969	,802	,953	,849	,598	,839	,729
	N	92	92	91	103	88	88	88	88	103	103	103	103
ECVC_LBPV	Pearson Correlation	,015	-,187	-,268*	,012	1	,788**	,697**	,925**	,607**	,484**	,484**	,544**
	Sig. (2-tailed)	,889	,087	,014	,914		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	85	85	84	88	96	96	96	96	96	96	96	96
ECVC_LVC	Pearson Correlation	-,114	-,144	-,203	-,001	,788**	1	,659**	,900**	,396**	,549**	,435**	,503**
	Sig. (2-tailed)	,300	,188	,064	,969	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	85	85	84	88	96	96	96	96	96	96	96	96
ECVC_ACE	Pearson Correlation	-,094	-,032	-,134	-,027	,697**	,659**	1	,874**	,419**	,515**	,384**	,478**
	Sig. (2-tailed)	,391	,774	,223	,802	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000
	N	85	85	84	88	96	96	96	96	96	96	96	96
ECVC_total	Pearson Correlation	-,070	-,141	-,238*	-,006	,925**	,900**	,874**	1	,532**	,571**	,484**	,568**
	Sig. (2-tailed)	,525	,198	,030	,953	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000
	N	85	85	84	88	96	96	96	96	96	96	96	96
IVC_MausTratosFísicos	Pearson Correlation	-,008	-,141	-,069	-,019	,607**	,396**	,419**	,532**	1	,681**	,712**	,834**
	Sig. (2-tailed)	,935	,172	,504	,849	,000	,000	,000	,000		,000	,000	,000
	N	96	96	95	103	96	96	96	96	131	131	131	131
IVC_MausTratosSeveros	Pearson Correlation	-,236*	-,163	-,072	-,053	,484**	,549**	,515**	,571**	,681**	1	,684**	,669**
	Sig. (2-tailed)	,020	,112	,490	,598	,000	,000	,000	,000	,000		,000	,000
	N	96	96	95	103	96	96	96	96	131	131	131	131
IVC_MausTratosEmocionais	Pearson Correlation	-,317**	-,444**	-,209*	,047	,484**	,435**	,384**	,484**	,712**	,684**	1	,934**
	Sig. (2-tailed)	,002	,000	,042	,839	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,000
	N	96	96	95	103	96	96	96	96	131	131	131	131
IVC_Média	Pearson Correlation	-,318**	-,376**	-,184	,034	,544**	,503**	,478**	,568**	,834**	,669**	,934**	1
	Sig. (2-tailed)	,002	,000	,075	,729	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	
	N	96	96	95	103	96	96	96	96	131	131	131	131

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**Anexo O** – Regressão linear das dimensões do ajustamento diádico, das crenças legitimadoras de violência sobre a prevalência de comportamentos violentos

**Model Summary**

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,544 <sup>a</sup>	,296	,241	,16232

a. Predictors: (Constant), ECVC\_ACE, DAS\_Satisfação, DAS\_Coesão, ECVC\_LVC, DAS\_Consenso, ECVC\_LBPV

**ANOVA<sup>a</sup>**

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	,854	6	,142	5,402	,000 <sup>b</sup>
	Residual	2,029	77	,026		
	Total	2,883	83			

a. Dependent Variable: IVC\_Média

b. Predictors: (Constant), ECVC\_ACE, DAS\_Satisfação, DAS\_Coesão, ECVC\_LVC, DAS\_Consenso, ECVC\_LBPV

**Coefficients<sup>a</sup>**

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	1,558	,140		11,091	,000
	DAS_Consenso	-,069	,030	-,283	-2,301	,024
	DAS_Satisfação	-,056	,022	-,291	-2,497	,015
	DAS_Coesão	,017	,016	,128	1,076	,285
	ECVC_LBPV	,139	,046	,473	3,009	,004
	ECVC_LVC	-,114	,050	-,313	-2,302	,024
	ECVC_ACE	,005	,039	,016	,134	,894

a. Dependent Variable: IVC\_Média

**Anexo P** – Regressão linear das crenças legitimadoras da violência, da prevalência de comportamentos violentos sobre as dimensões do ajustamento diádico

**Model Summary**

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,558 <sup>a</sup>	,312	,259	,84081

a. Predictors: (Constant), IVC\_MausTratosEmocionais, ECVC\_LVC, ECVC\_ACE, IVC\_MausTratosFisicos, IVC\_MausTratosSeveros, ECVC\_LBPV

**ANOVA<sup>a</sup>**

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	24,964	6	4,161	5,885	,000 <sup>b</sup>
	Residual	55,142	78	,707		
	Total	80,106	84			

a. Dependent Variable: DAS\_Satisfação

b. Predictors: (Constant), IVC\_MausTratosEmocionais, ECVC\_LVC, ECVC\_ACE, IVC\_MausTratosFisicos, IVC\_MausTratosSeveros, ECVC\_LBPV

**Coefficients<sup>a</sup>**

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficient	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	4,326	1,226		3,528	,001
	ECVC_LBPV	-,315	,301	-,204	-1,044	,300
	ECVC_LVC	,068	,286	,036	,239	,812
	ECVC_ACE	,173	,206	,105	,837	,405
	IVC_MausTratosFisicos	,790	,555	,232	1,422	,159
	IVC_MausTratosSeveros	2,314	1,567	,217	1,477	,144
	IVC_MausTratosEmocionais	-2,473	,477	-,739	-5,186	,000

a. Dependent Variable: DAS\_Satisfação

**Anexo Q – Análise fatorial da Escala de Crenças sobre Violência Conjugal**

<b>Total Variance Explained</b>									
Component	Initial Eigenvalues			Loadings			Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	11.651	50.656	50.656	11.651	50.656	50.656	5.653	24.577	24.577
2	1.660	7.218	57.873	1.660	7.218	57.873	4.813	20.926	45.503
3	1.320	5.740	63.614	1.320	5.740	63.614	4.165	18.111	63.614
4	.942	4.096	67.709						
5	.867	3.768	71.477						
6	.794	3.451	74.928						
7	.760	3.305	78.233						
8	.685	2.977	81.211						
9	.601	2.612	83.823						
10	.504	2.191	86.014						
11	.501	2.179	88.193						
12	.435	1.890	90.083						
13	.375	1.630	91.713						
14	.331	1.439	93.152						
15	.284	1.235	94.388						
16	.239	1.038	95.426						
17	.225	.979	96.404						
18	.205	.890	97.294						
19	.177	.769	98.063						
20	.159	.693	98.756						
21	.115	.499	99.255						
22	.095	.412	99.667						
23	.077	.333	100.000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

**Rotated Component Matrix<sup>a</sup>**

	Component		
	1	2	3
ECVC_14. Em casos de violência conjugal, a polícia deve apenas tentar acalmar os ânimos e reconciliar o casal.	,734		
ECVC_20. Entre os membros do casal ninguém deve “meter a colher”.	,726		
ECVC_8. Se os(as) parceiros(as) se portarem bem não serão maltratados(as).	,715		
ECVC_18. Um(a) parceiro(a) deve retirar a queixa de maus tratos contra o companheiro(a) sempre que este lhe peça desculpa pelo que fez.	,714		
ECVC_11. Se o(a) meu(minha) parceiro(a) me insulta, tenho razões para o(a) agredir. Se os(as) parceiros(as) se portarem como bons companheiros(as) não serão maltratadas.	,667	,460	
ECVC_16. A violência entre parceiros íntimos é um assunto privado. Deve ser resolvido em casa.	,665		
ECVC_15. Dar uma bofetada ao(a) parceiro(a) quando se está aborrecido ou irritado é normal; é uma coisa sem gravidade.	,650	,541	
ECVC_22. Algumas parceiros(as) fazem os(as) companheiros(as) “perder a cabeça” e, por isso, é natural que eles lhes batam.	,583	,535	
ECVC_7. Os(as) companheiros(as) se batem apenas quando “estão de cabeça perdida”, por algum problema nas suas vidas ou por alguma coisa que fizeram.	,557		,444
ECVC_17. Os insultos são normais entre um casal.	,542	,473	
ECVC_19. Se as pessoas permanecem numa relação violenta, é porque merecem a situação em que vivem.		,750	
ECVC_23. Nos relacionamentos os(as) parceiros(as) sempre se bateram. É natural e não tem nada de mal.		,736	
ECVC_12. Alguns(as) parceiros(a) merecem que lhes batam.		,728	
ECVC_21. Uma bofetada não magoa ninguém.	,489	,715	
ECVC_13. Um(a) parceiro(a) tem o direito de castigar ele/a faltar ao cumprimento dos seus deveres conjugais.		,701	
ECVC_10. Um(a) parceiro(a) infiel merece ser maltratado(a).		,630	
ECVC_2. Os maus tratos ocorrem apenas em família de baixo nível educacional e económico.			,782
ECVC_3. Os maus tratos só ocorrem quando há outros problemas dentro da família (p.ex. desemprego, consumo de drogas, problemas de dinheiro ECVC_ )			,769
ECVC_4. O mais importante para as crianças é que a família permaneça unida, mesmo quando há violência no casal.			,661
ECVC_9. Os(as) parceiros(as) passam a agredir os (as) companheiros(as) porque se envolvem em relações extraconjugais.	,511		,639
ECVC_1. O problema dos maus tratos dentro dos relacionamentos amorosos afeta uma pequena percentagem da população.			,596
ECVC_5. A causa da violência é o abuso do álcool.			,584
ECVC_6. A preocupação com a situação das pessoas que são maltratadas no casamento só servem para separar as famílias.	,457		,526

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.<sup>a</sup>

a. Rotation converged in 9 iterations.

**Component Transformation Matrix**

Component	1	2	3
1	,646	,576	,501
2	-,263	-,448	,854
3	-,717	,684	,138

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser

Normalization.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,950	,954	23

## Anexo R – Escala Revista de Ajustamento Diádico

	Sempre de acordo	Quase sempre acordo	Ocasional mente desacordo	Frequente mente desacordo	Quase sempre desacordo	Sempre em desacordo
Assuntos de religião	1	2	3	4	5	6
Demonstrações de afecto	1	2	3	4	5	6
Tomada de decisões importantes	1	2	3	4	5	6
Relações sexuais	1	2	3	4	5	6
Convencionalidade (comportamento correcto ou apropriado)	1	2	3	4	5	6
Decisões de carreira	1	2	3	4	5	6

	Sempre	A maior parte do tempo	Mais vezes sim que não	Ocasional mente	Raramente	Nunca
Aborda ou já considerou separação ou terminar a relação?	1	2	3	4	5	6
Você e o(a) seu/sua companheiro(a) brigam?	1	2	3	4	5	6
Lamenta ser casado ou viver com o(a) seu/sua companheiro(a)?	1	2	3	4	5	6
Você e o(a) seu/sua companheiro(a) irritam-se?	1	2	3	4	5	6

	Nunca	Menos uma vez por mês	Uma ou duas vezes por mês	Uma ou duas vezes por semana	Uma vez por dia	Frequentem ente
Participam juntos em actividades fora da família?	1	2	3	4	5	6
Têm uma troca de ideias estimulante?	1	2	3	4	5	6
Trabalham em conjunto numa actividade?	1	2	3	4	5	6
Calmamente debatem um assunto?	1	2	3	4	5	6

## Anexo S – Escala de Amor Apaixonado

Para cada pergunta, assinale a resposta que lhe parece ser a mais verdadeira.

### Em quem pensa?

Alguém que amo neste momento\_\_\_\_

Alguém que eu amei anteriormente\_\_\_\_

Eu nunca amei ninguém\_\_\_\_

### Possibilidade de resposta:

1 2 3 4 5 6 7 8 9

Totalmente falso

Moderadamente verdade

Totalmente verdade

1. Eu sentiria um desespero profundo se a (o) \_\_\_\_\_ me deixasse.\*
2. As vezes sinto que eu não posso controlar os meus pensamentos; eles são obsessivos em relação a (ao)\_\_\_\_\_.\*
3. Eu sinto-me feliz quando faço alguma coisa para tornar a (o) \_\_\_\_\_ feliz.\*
4. Eu prefiro estar com a (o) \_\_\_\_\_ do que com qualquer outra pessoa.\*
5. Eu ficaria com ciúmes se pensasse que a (o) \_\_\_\_\_ estivesse apaixonando-se por outra pessoa.\*
6. Eu anseio saber tudo sobre a (o) \_\_\_\_\_.\*
7. Eu quero a (o) \_\_\_\_\_ física, emocional e mentalmente.\*
8. Eu tenho um apetite *infinito* de afeição com a (o) \_\_\_\_\_.\*
9. Para mim, a (o) \_\_\_\_\_ é a (o) minha (meu) parceira (o) romântica (o) perfeita (o).\*
10. Eu sinto que meu corpo responde quando a (o) \_\_\_\_\_ me toca.\*
11. A (O) \_\_\_\_\_ parece estar sempre na minha mente.\*
12. Eu quero que a (o) \_\_\_\_\_ me conheça – os meus pensamentos, os meus medos e as minhas esperanças.\*
13. Eu procuro encontrar avidamente sinais a indicar que a (o) \_\_\_\_\_ me deseja.\*
14. Eu tenho uma poderosa atracção pela (o) \_\_\_\_\_.\*
15. Eu fico extremamente deprimido (a) quando as coisas não vão bem no meu relacionamento com a (o)\_\_\_\_\_.\*

## Anexo T – Escala de Crenças sobre Violência Conjugal adaptada

1. O problema dos maus tratos dentro dos relacionamentos amorosos afeta uma pequena percentagem da população.
2. Os maus tratos ocorrem apenas em família de baixo nível educacional e económico.
3. Os maus tratos só ocorrem quando há outros problemas dentro da família (p.ex. desemprego, consumo de drogas, problemas de dinheiro)
4. O mais importante para as crianças é que a família permaneça unida, mesmo quando há violência no casal.
5. É a ideia de as mulheres quererem ter tantos direitos como os homens que causa problemas entre o casal.
6. A causa da violência é o abuso do álcool.
7. A preocupação com a situação das pessoas que são maltratadas no casamento só servem para separar as famílias.
8. Os(as) companheiros(as) se batem apenas quando “estão de cabeça perdida”, por algum problema nas suas vidas ou por alguma coisa que fizeram.
9. Se os(as) parceiros(as) se portarem bem não serão maltratados(as).
10. Os(as) parceiros(as) passam a agredir os (as) companheiros(as) porque se envolvem em relações extraconjugais.
11. Um(a) parceiro(a) infiel merece ser maltratado(a).
12. Se o(a) meu(minha) parceiro(a) me insulta, tenho razões para o(a) agredir. Se os(as) parceiros(as) se portarem como bons companheiros(as) não serão maltratadas.
13. Algumas mulheres merecem que lhes batam.
14. Um homem tem o direito de castigar a mulher se ela faltar ao cumprimento dos seus deveres conjugais.
15. Em casos de violência conjugal, a polícia deve apenas tentar acalmar os ânimos e reconciliar o casal.
16. Dar uma bofetada ao(a) parceiro(a) quando se está aborrecido ou irritado é normal; é uma coisa sem gravidade.
17. A violência entre parceiros íntimos é um assunto privado. Deve ser resolvido em casa.
18. Os insultos são normais entre um casal.
19. Um(a) parceiro(a) deve retirar a queixa de maus tratos contra o companheiro(a) sempre que este lhe peça desculpa pelo que fez.
20. Se as pessoas permanecem numa relação violenta, é porque merecem a situação em que vivem.
21. Entre os membros do casal ninguém deve “meter a colher”.
22. Uma bofetada não magoa ninguém.
23. Algumas parceiros(as) fazem os(as) companheiros(as) “perder a cabeça” e, por isso, é natural que eles lhes batam.
24. Nos relacionamentos os(as) parceiros(as) sempre se bateram. É natural e não tem nada de mal.
25. É mais aceitável um homem bater na mulher do que ao contrário.

## Anexo U – Inventário de Violência Conjugal

	Nunca	Uma vez	Mais que uma vez
1. Puxar os cabelos com força			
2. Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou “ferir”			
3. Dar uma bofetada			
4. Apertar o pescoço			
5. Ameaçar com armas ou usando de força física			
6. Partir ou danificar coisas intencionalmente ou deitar a comida para o chão, para meter medo			
7. Acordar a meio da noite, para causar medo			
8. Dar um murro			
9. Impedir o contacto com outras pessoas			
10. Atirar com objetos à outra pessoa			
11. Dar uma sova			
12. Dar pontapés ou cabeçadas			
13. Dar empurrões violentos			
14. Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo			
15. Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão			
16. Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica			
17. Causar ferimentos que precisaram de assistência médica			
18. Forçar a pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade			
19. Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas			
20. Gritar ou ameaçar, para meter medo			
21. Outros (pressão psicológica, infidelidade)			

